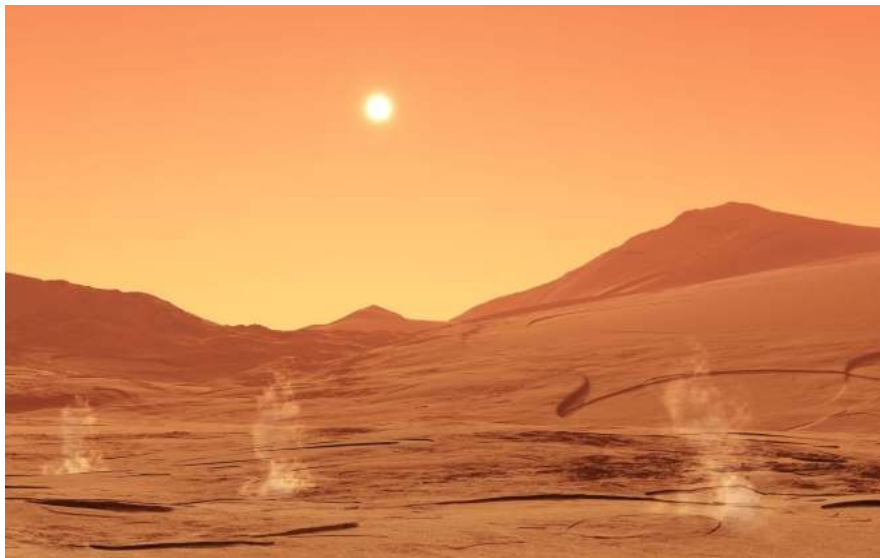


MAIS UMA PROPOSTA DEFINITÓRIA

DE

LUGAR



JULIO CESAR VAZ NITSCHÉ

Curitiba – Paraná

2020

Julio Cesar Vaz Nitsche

Mais uma proposta definitiva de lugar

1ª edição

Curitiba – Paraná
Edição do autor
2020

NITSCHÉ, J.C.V.

Mais uma proposta definitiva de lugar: ed. Independente / J.C.V. Nitsche; 1ª ed. Curitiba, 2020.

p.47+Capa; 21 cm

ISBN: 978-65-00-03897-2

1. Definição de lugar. 2. Alice no País das Maravilhas. 3. Questões filosóficas sobre Geografia e Sociologia.
4. Wittgenstein. 5. Ciência da Estratégia.

A REPRODUÇÃO É RESTRITA

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida por qualquer meio de mídia: fotográfico, fotocópia, fotomecânico, nem mesmo transmitida por meios eletrônicos ou gravações, sem a devida referência bibliográfica (esta fonte).

Capa: Nitsche, Julio Cesar Vaz

Vista da paisagem marciana – internet – NASA, 2020

“Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.”

(Equipe: Le Livro)

Mas pode-se afirmar que a matéria deixou de ser a coisa simples, palpável e vulgar no espaço que se pode seguir enquanto se movimenta – cada um de seus pedacinhos – e que deixaram de se poder verificar as leis precisas que determinam o seu movimento.

(SCHRÖDINGER, 1996).

Quando não se sabe o que pede e pese, não merece a liberdade conquistada com muito sangue. Talvez, com um pouco mais de derramamento, desse, dos seus, possam perceber o valor. Enquanto isso, ainda luta-se contra o ser invisível e com algo ainda visível desde os Séculos iniciais dos povos...Nesse tempo de COVID, racismo, intolerância e ignorância, prevasse o que realmente são ... pobres humanos! (J.C.V. Nitsche)

O Chapeleiro arregalou os olhos ao ouvir isso, mas tudo o que disse foi: “Por que um corvo se parece com uma escrivainha?”

Resposta: Ambos tem pena!

AGRADECIMENTOS

Demonstro profundo respeito e gratidão àqueles que me ajudaram durante minha trajetória existencial e de atuação. Às pessoas que direta ou indiretamente me ajudaram e iluminaram minha vida nos momentos mais sombrios e iluminados. Logo; estes são representantes da sociedade em geral, tais como: meus pais, meus avós, minha família, todos os que me conhecem e que me auxiliaram: militares, profissionais da saúde (doutores, médicos, psicólogos, dentistas, enfermeiros, atendentes, técnicos, enfim; todos dessa área), profissionais da educação e cultura, servidores públicos de todos os setores (que incluem os agentes de limpeza pública e privada (manutenção e limpeza dos hospitais, faculdades, prefeituras e instituições, além das cidades e de outros ambientes). Aos que rezaram/oraram por minha pessoa (que nem me conheciam), parentes e conhecidos. Não citarei nomes, porque são tantos e não quero cometer o erro de esquecer uma pessoa se quer...mas tenho certeza que todos sabem quem são e o que fizeram por mim.

No início do século XX o universo de Newton foi substituído pelo de Einstein. Vivemos atualmente no universo de Einstein, quer o entendamos bem ou não.

(BRENNAN)

ROL DE ASSUNTOS

Apresentação.....	06
Algumas palavras.....	07
Wittgeinstein.....	08
Alice no País das Maravilhas.....	12
Relembrando...para o momento atual brasileiro e mundial – A BOMBA G.H.	21
Lugar.....	44
Considerações finais.....	45
Palavras finais.....	48

Aprender é descobrir aquilo que você já sabe.
Fazer é demonstrar que você o sabe.
Ensinar é lembrar aos outros que eles sabem
tanto quanto você.
Vocês são todos aprendizes, fazedores,
professores.

(Richard Bach)

APRESENTAÇÃO

Vamos embarcar em uma viagem ao mundo literário onde buscaremos respaldo clarificantes para o problema definitório de lugar.

O lugar não pode ser entendido ou definido por um argumento de sua/tua observância no cotidiano da sociedade. Sua definição deve surgir no jogo de linguagem, conforme Wittgeinstein se dedicou. E em tempo, posso dizer que em sua 2ª fase, Wittgeinstein fica em um lugar central, entre, Hume: “*O pensamento mais vivo é sempre inferior à sensação mais embaçada*”. E Kant “*razão sem a sensação é vazia e a sensação sem a razão é cega.*” Mas a coisa em si, continua envolta por uma névoa (embaçado).

Com esta visão, tentar-se-á definir “Lugar”, através do livro: Alice no País das Maravilhas. Não se apegando aos conceitos dos filósofos ou definições oriundas de teses ou da literatura científica apenas.

Wittgeinstein nos diz para nos inserirmos na sociedade para podermos constatar o jogo de linguagem e assim, definir a coisa em si.

Digo: nós, porque você, leitor(a) e eu vamos viajar juntos nesta viagem ao desconhecido (para alguns e conhecidos para outros) mundo das sociedades e suas interpretações de lugar.

Que se inicie a viagem...

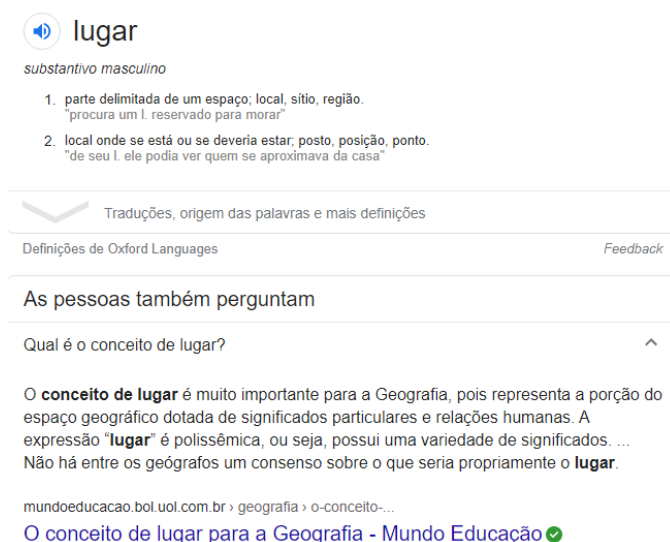
Dedicado à minha filha.

Tudo tem uma moral: é só encontrá-la.
(Lewis Carroll)

ALGUMAS PALAVRAS

Antes de mais nada, devo ressaltar que a palavra Lugar tem o significado voltado aos históricos de Aristóteles e Sócrates. Sendo definido pelo que se observa e não pelo que se mostra por vários observadores.

Quando abordamos a internet, temos:



The screenshot shows the Oxford dictionary entry for the word "lugar". It includes a speaker icon, the word "lugar", and the classification "substantivo masculino". There are two numbered definitions: 1. "parte delimitada de um espaço: local, sítio, região. 'procura um l. reservado para morar'" and 2. "local onde se está ou se deveria estar; posto, posição, ponto. 'de seu l. ele podia ver quem se aproximava da casa'". Below the definitions is a section for "Traduções, origem das palavras e mais definições" and "Definições de Oxford Languages". A section titled "As pessoas também perguntam" contains the question "Qual é o conceito de lugar?" with an upward arrow. The answer states that the concept of "lugar" is important for Geography, representing a portion of the geographic space with specific meanings and human relationships. It notes that "lugar" is polysemic and that geographers do not have a consensus on its proper definition. At the bottom, there is a link to "O conceito de lugar para a Geografia - Mundo Educação" with a green checkmark.

Ao contrário do que diz este site, esta expressão, aqui relevada, não é tão importante para a Geografia, em minha concepção, mas o é para a sociológica geografia humana e para as demais áreas do conhecimento que se dedicam aos estudos sociais. Além de que este conceito, está embasado na concepção aristotélica (a causa está na finalidade – explicação causal). Para a Geografia, Geologia, Paleontologia e Engenharias, tanto faz o que se entenda por lugar. Porque o importante é descrever e/ou atuar no lugar, local, sítio e/ou no espaço (estrutura morfodinâmica).

O objeto de estudo da Geografia não é planejamento e muito menos espaço. É a relação sociedade e/com a natureza, voltada para o planejamento.

E por quê não pode ser o planejamento?

Porque há outras áreas do conhecimento envolvidas com planejamento.

Lugar pode ser: uma cadeira de escola, um bar, uma biblioteca, uma expressão de sentimento, um termo de substituição, enfim...pode ser tudo isso ou apenas um destes.

E o texto escolhido para demonstrar isto, é o de: Alice no País das Maravilhas (<http://lelivros.love/book/baixar-livro-alice-edicao-comentada-e-ilustrada-lewis-carroll-em-pdf-epub-e-mobi-ou-ler-online/>). Encontrei este vídeo que entra em questões filosóficas sobre o livro:

<https://www.youtube.com/watch?v=QFfazYhld3M>

Duas coisas sempre me enchem a alma de crescente admiração e respeito, quanto mais intensa e freqüentemente o pensamento delas se ocupa: o céu estrelado acima de mim e a lei moral dentro de mim.

(Kant)

WITTGEINSTEIN

Como a conceituação de lugar será realizada, por minha pessoa, embasada neste filósofo, deve-se inserir o livreto: A importância de Wittgeinstein...para Geografia e Sociologia, porém; apenas a parte metodológica e sem os comentários finais, para que o leitor(a) possa compreender, melhor, de como se estabeleceu o trabalho de conceituação e/ou designação ora referido. Sendo, assim demonstrado:

Para entender Wittgeinstein...

- a) <https://www.youtube.com/watch?v=DvpIJ7FRnxg&list=RDCMUCuh76-iwWlsKoVsklWoMA&index=5>
- b) <https://www.youtube.com/watch?v=yVmJ5Q8SD3E>
- c) <https://www.youtube.com/watch?v=yVmJ5Q8SD3E&list=RDCMUCuh76-2iwWlsKoVsklWoMA&index=2>
- d) <https://www.youtube.com/watch?v=WDfk1m40MiI&list=RDCMUCuh76-2iwWlsK-oVsklWoMA&index=3>

Não são endereços de doutores ou filósofos. Mas de uma menina! Que sem querer nos mostra exatamente o problema abordado por este engenheiro filósofo.

Caso tenha entrado em um destes endereços...vai perceber que não necessito mais “falar” (escrever) sobre Wittgeinstein, porque sua obra se baseia nesta questão lógica da linguagem. Quais as estruturas responsáveis que sustentam o entendimento ou não de algo dito, gesticulado ou figurado. Qual o sentido? Criticando a análise limitada da linguagem e da linguagem limitada.

“36. E aqui fazemos o mesmo que em milhares de casos semelhantes: porque não podemos assinalar *uma* ação corporal para o que chamamos de apontar para a forma (em contraposição, por exemplo, para a cor), então dizemos que essas palavras correspondem a uma atividade *mental*.

Onde a nossa linguagem não permite conjecturar um corpo, e não há nenhum corpo, ali gostaríamos de dizer que há um *espírito*.33”

E todas as áreas do conhecimento são ferramentas criadas para se entender o mundo! Mesmo, assim, como Kant e o próprio Wittgeinstein (em sua 2a fase) observam (mas não morreram?), nunca será possível definir a coisa em si. O primeiro por entender que as sensações nos enganam e o segundo por ver a coisa em si como envolta por uma nebulosa. A diferença é que Kant é cético e Wittgeinstein (2o) um observador lógico moderado, não se caracterizando totalmente como cético. Está entre um e outro, mas não é radical. Simplesmente porque somos seres limitados. Tudo o que digo é embasado na bibliografia e nos estudos do Prof. Dr. João Vergílio Cutter e Prof. Dr. Cláudio Costa. E devo ressaltar que: Em meus manuscritos com bibliografia palpável (não virtual – link e virtual) há livros em inglês, francês, grego e outras. Mas estão referenciados porque há a necessidade de saber se eles realmente existem e se são os que o autor utilizou em suas teses ou observações.

Não consigo aprender coisas novas, além de não realizar cálculos. Logo; não consigo e não consegui aprender estas línguas estrangeiras. Isso me impede de avançar, mas não de contribuir com o que já pude vivenciar e/ou aprender.

649. “Então quem não aprendeu nenhuma língua não pode ter certas lembranças?” É claro que sim, – ele não pode ter lembranças verbais, desejos ou medos verbais etc. E lembranças etc. na linguagem não são meras apresentações puídas de vivências *reais*; não é, pois, o verbal uma vivência?

Sou contrário a ideia de que se alguém usou uma bibliografia o outro não deve abordá-la também. Isso limita a compreensão de coisas que o primeiro não pode ver.

“É como se alterássemos a configuração de um microscópio, e o que está agora no ponto focal não era visto anteriormente.”

Não vejo os filósofos ou cientistas como algo que se deva ler e ficar filosofando depois. Observo suas ideias e seus ideais...e estas(es) utilizo como a **escada** de Wittgeinstein ou ferramenta e também como bússola (“Conjecturas Geográficas” e “Os sociólogos não descrevem a Terra” – Popper, Feyerabend, Heisenberg, Schrödinger, Wittgeinstein e outros). Mas não descarto a escada!

Mas...voltando ao Wittgeinstein:

Em sua primeira fase temos um filósofo que trabalha os sentidos designativos das figuras, seguindo espelhamento socrático. O sentido é intencional e cada nome está diretamente conectado e projetado sobre determinado objeto. Ou seja: o sentido é deliberadamente proposto pelo próprio ser (sai de mim). Não há papel semântico.

Em sua segunda fase, colapsa as concepções da linguagem que vinham desde Platão e seus diálogos com Sócrates. Ligações intencionais entre nome e objeto. Ou seja: O quê a palavra Z designa?

Para Wittgeinstein esta pergunta está formulada de forma incorreta. A pergunta pela coisa em si, é uma pergunta mal colocada. Porque o significado não é uma coisa do outro lado da palavra.

O significado não é dado por um objeto que a palavra se liga. É estabelecido por regras de nosso núcleo e círculo social. Desta forma, a designação de algo é inserido pelas regras que se utiliza na vivência do cotidiano e a sua relação dos objetos. O que determina a coisa em si, são as regras que acordamos em utilizar o uso dos sons/palavras e gestos. (o sentido não sai de mim...mas de nós).

Entendam, isso não é tão simples como parece, porque se você estiver perdido e de repente encontrar uma pessoa com aspectos estranhos, que nunca viu alguém com suas vestes e a tua maneira de falar e gesticular, este não vai entender seus sons e gestos, logo de início. Cada um terá que se utilizar de algo real para iniciar um entendimento. Por exemplo: você segura uma pedra e diz: rocha. O outro pronuncia: \$6á. Inicia-se assim o círculo social. O problema é saber se “\$6á” é rocha para ele, ou se, “\$6á” é a representatividade de alguma ação, sua, contra ele. E assim começa o jogo, podendo ou não chegar a um entendimento.

Para analisar algo dicotômico ou aparentemente comuns, mas que tenham o mesmo nome, em ambas as sociedades, faz-se necessário recorrer a historicidade recorrente deste objeto ou coisa em cada socialização, deste, com a convivência cotidiana das sociedades envolvidas. Caso a designação não corresponder com o uso de uma determinada sociedade (comunidade ou relação pessoal entre duas pessoas, ou áreas de conhecimento), para aquela que não correspondeu o seu uso está incorreto, logo; não deve utilizar a designação como é usada pela outra. Tal coisa não pertence àquela área ou a conceituação não condiz com as atividades, bem como com as regras acordadas pelos seus formuladores/criadores.

Isso se embasa no contexto dado e a intenção do falante. Desse modo limita-se a extensão do jogo e ao contexto. Sendo que o jogo de linguagem está ligada ao ambiente social. Faz-se necessário participar do modo de vida das sociedades envolvidas, para julgar ou falsear a coisa em questão. Observando o seu uso no contexto social. Mas seja lá o que foi julgado, nunca se chegará a conceituação ou denominação da coisa em si.

Parece tudo muito simples e que alguém, como eu, possa decifrar e ver em uma leitura de seu livro *Tractatus Logico-Philosophicus* e *Investigações Filosóficas* tudo o que foi apresentado aqui. Mas um acadêmico da Universidade de Cambridge, que dirigiu-se ao professor Bertrand Russel e proferiu a seguinte indagação:

Sou ou não sou um idiota?

Se sou, vou me dedicar sobre os problemas da aeronáutica. Caso contrário, serei filósofo.

E seu professor lhe aconselhou a escrever alguma coisa sobre qualquer coisa. Após um tempo...a resposta de Russel: Não trabalhará como engenheiro aeronáutico!

Nascido em Viena, em 26 de abril de 1889, porque sua família: Seu pai, Karl Wittgenstein: diretor de siderúrgica e colecionador de obras de artes, acompanhado de seus progenitores: Hermann Christian e Fanny Wittgenstein e sua esposa Leopoldine Wittgenstein: filha de banqueiro vienense e musicista, se deslocam da Saxônia para a Áustria, em meados do Século XIX. Nesse tempo, seu pai organiza o primeiro cartel do aço na indústria austríaca.

E que, ainda criança, inventou uma máquina de costura...não há um especialista em Wittgenstein, no mundo (no momento), que o conheça e compreenda profundamente suas análises.

E muito menos eu!

O que compreendi de suas observações vem dos especialistas que traduziram os livros, e dos artigos de filósofos brasileiros, que se dedicam aos estudos de Wittgenstein.

Mas afinal...qual a importância deste filósofo para a Sociologia e a Geografia?

Utilizando-se das ferramentas, do uso cotidiano das palavras e/ou seus significados e das regras do jogo de linguagem que são exercidos em sua relação social com o próximo ou no âmbito comunicativo de sua área...pode-se avaliar os conceitos ou construir novos (conceito e significação), que realmente sejam usados como devem ser, atendendo um ou ambos, sem causar impasse ou problemas de entendimento, conceituação, formulação, interpretativo e até mesmo filosófico. Porque não há certo ou errado. Mas somente um método de falseabilidade pode refutar ou afirmar se a coisa é ou não é.

In: https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Kinesis/15_elizabethdias1.pdf

Elizabeth de Assis Dias, “Popper, leitor de Einstein” nos diz em sua página 232 (8 pdf):

“O fundamento lógico desse critério é o *modus tollens da* Lógica tradicional. A falseabilidade é, assim, um aspecto característico das teorias que as torna passíveis de serem confrontadas com a experiência e dadas como falsas. A questão que se impõe é: em que condições uma teoria falseável pode vir a ser dada como falseada? De outro modo, considerando-se que uma teoria não pode ser dada como falseada pelo simples fato de dispormos de um enunciado básico que a contradiga, então, quando ela será falseada?

A existência de uma contradição entre a teoria e o enunciado básico é uma condição necessária para o falseamento, mas não suficiente. De modo a evitar que uma teoria seja eliminada prematuramente, Popper estabelece como regra para que uma teoria possa ser considerada falseada que o acontecimento descrito pelo enunciado básico seja passível de reprodução e, portanto, suscetível de ser testado intersubjetivamente. Diz ele: “Só a diremos falseada (a teoria) se descobrirmos um *efeito suscetível de reprodução* que refute a teoria” (POPPER, 1972, p.91).”

Seguindo para a página 233:

“Se por um lado, as reflexões filosóficas de Einstein influenciaram o pensamento de Popper, por outro, como cientista, ele foi o exemplo da atitude crítica na ciência, pois se mostrava altamente crítico face as suas próprias teorias não apenas no sentido de determinar suas limitações como, também, no sentido de especificar as condições que o levariam a considerá-las como refutadas por experimentos. Diz Popper:

Einstein procurava experimentos cruciais cujo acordo com suas previsões não bastaria para estabelecer a teoria da relatividade, mas cujo desacordo, como ele próprio insistia em acentuar, revelaria a impossibilidade de aceitar-se a teoria (POPPER, 1986, p.45).

Assim, Einstein, além de ter uma posição filosófica falsificacionista face à ciência, como cientista, aplicou essas ideias a sua própria teoria da relatividade ao procurar determinar não as situações que poderiam verificá-la, mas sim as que poderiam contradizê-la. Essa atitude crítica é característica da verdadeira atitude científica, conforme afirma Popper, em sua *Autobiografia Intelectual*:

Cheguei, assim, em fins de 1919, à conclusão de que a atitude científica era uma atitude crítica, em que não importam as verificações, mas as provas cruciais-provas que poderiam refutar a teoria em exame, conquanto jamais pudessem estabelecê-las ou prová-la. (POPPER, 1986, p.45).”

Murilo Rocha Seabra, in:

https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/8668/1/2011_MuriloRochaSeabra.pdf em sua página 03...

Murilo Seabra e Marcos Pinheiro, em dois artigos publicados no *Internationales Wittgenstein Symposium* (2007, 2008), defenderam que Wittgenstein queria oferecer nas *Investigações* antes de mais nada *métodos* e não *resultados* – e que ele esperava que seus leitores não se limitassem a interpretá-los, mas aprendessem a aplicá-los. Com efeito, existiria uma relação interna entre o prefácio das *Investigações* (onde ele diz que não gostaria de “poupar aos outros o trabalho de pensar, mas sim, se for possível, estimular alguém a pensamentos próprios”) e o corpo do texto propriamente dito, assim como existe uma relação interna entre o prefácio do *Tractatus* (onde ele diz que “a verdade dos pensamentos aqui comunicados parece-me intocável e definitiva”) e o seu tom peremptório. Se o *Tractatus* anuncia o fim da filosofia, as *Investigações* anunciam o seu recomeço. Se o *Tractatus* espera do seu leitor que ele limite-se a interpretá-lo, as *Investigações*, ao contrário, esperam do seu leitor que ele aplique os seus métodos. |

Desta forma, as áreas de Geografia e Sociologia podem se utilizar do método criado por Wittgenstein para elaborar suas significações e conceituações. Assim como este que vos escreve está demonstrando neste exato momento, conforme se expressa o seguinte texto a seguir:

ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS

Introdução à 1ª edição
(THE ANNOTATED ALICE)

CONVÉM DIZER DE SAÍDA que há algo de insensato numa *Alice* comentada.

Escrevendo em 1932, no centésimo aniversário do nascimento de Lewis Carroll, Gilbert K. Chesterton expressou seu “medo terrível” de que a história de Alice já tivesse caído sob as mãos pesadas dos acadêmicos e estivesse se tornando “fria e monumental como um túmulo clássico”.

“Pobre, pobre Alice!” lamentou G.K. “Não só a apanharam e a fizeram estudar lições; foi forçada a infligir lições a outros. Alice é agora não só uma aluna como uma professora. As férias acabaram e Dodgson é de novo um mestre. Haverá uma imensa quantidade de exames com perguntas como: (1) O que você sabe sobre o seguinte: *mimsy*, *gimble*, olhos de hadoque, poços de melado e bela sopa? (2) Anote todos os movimentos no jogo de xadrez em *Através do Espelho* e faça um diagrama. (3) Resuma o programa prático de ação do Cavaleiro Branco para lidar com o problema social das suíças verdes. (4) Trace a distinção entre Tweedledum e Tweedledee.” (p.06 – pdf).

Na página 10 o lugar é representado como: Uma longa procissão de meninas encantadoras (sabemos que eram encantadoras por suas fotografias) passou pela vida de Carroll, mas nenhuma [jamais tomou o lugar](#) de seu primeiro amor, Alice Liddell. “Tive um grande número de amigas crianças desde sua época”, escreveu-lhe depois que ela se casou, “mas foram algo completamente diferente.” Alice era filha de Henry George Liddell, o deão do Christ Church. Pode-se ter uma ideia do quanto Alice deve ter sido cativante através de uma passagem de *Praeterita*, uma autobiografia fragmentária de John Ruskin. Florence Becker Lennon reproduz essa passagem em sua biografia de Carroll, e é a partir de seu livro que a cito.

Observem: lugar neste contexto, refere-se ao imaterial é regido por sentimentos ou atribuições fenomenalísticas que não ocupa espaço morfodinâmico, mas se ambienta no escopo das emoções... coração/alma.

Em sua página 21: Para distinguir a continuação do *The Annotated Alice* original, usei as oitenta ilustrações de página inteira de Peter Newell [em lugar da arte](#) de Tenniel.

Neste contexto, o lugar é a representação de um objeto real artístico de um artista, sendo substituído por de outro desenhista.

O lugar se caracteriza pela substituição da atividade de um indivíduo pelas técnicas de outro. Aqui o lugar tem conotação ambígua, pois, ocupa espaço morfodinâmico, porque o livro está materializado no espaço invisível estrutural (a distância entre você e o celular), ao mesmo tempo, em que preenche o espaço das folhas em branco do papel utilizado. Este espaço não interessa a Geografia. Mas a folha em branco é uma estrutura física, formada pelos átomos e suas interações moleculares.

Folha 31: Logo recomeçou. “Gostaria de saber se vou cair direto *através* da Terra!⁴ Como vai ser engraçado sair no meio daquela gente que anda de cabeça para baixo! Os antipatias, acho...” (desta vez estava muito satisfeita por não *haver* ninguém escutando, pois aquela não parecia mesmo ser a palavra certa) “...mas vou ter de perguntar a eles o nome do país. Por favor, senhora, aqui é a Nova Zelândia? Ou a Austrália?” (e tentou fazer uma mesura enquanto falava... imagine *fazer mesura* quando se está despencando no ar! Você acha que conseguiria?) “E que menininha ignorante ela vai achar que sou! Não, não convém perguntar nada: [talvez eu veja o nome escrito em algum lugar.](#)”

⁴ Na época de Carroll havia considerável especulação popular quanto ao que aconteceria se alguém caísse num buraco que passasse exatamente pelo centro da Terra. Plutarco havia formulado a pergunta e muitos pensadores famosos, entre os quais Francis Bacon e Voltaire, haviam-na discutido. Galileu (*Dialogo dei massimi sistemi, giornata seconda*, editado em Florença em 1842, vol.1, p.251-2) deu a resposta correta: o objeto cairia com velocidade crescente mas com aceleração decrescente até atingir o centro da Terra, ponto em que sua aceleração seria zero. A partir daí teria sua velocidade reduzida, com aceleração crescente, até alcançar a abertura no outro extremo. Em seguida cairia de volta. Ignorando-se a resistência do ar e a força de Coriolis que resulta da rotação da Terra (a menos que o buraco vá de polo a polo), o objeto iria oscilar de um lado para o outro eternamente. A resistência do ar, é claro, acabaria por pô-lo em repouso no centro da Terra. O leitor interessado deveria consultar “A Hole through the Earth”, do astrônomo francês Camille Flammarion, em *The Strand Magazine*, vol.38 (1909), p.348, ainda que apenas para ver as sinistras ilustrações.

O interesse de Carroll pelo assunto é indicado pelo fato de que, no cap.7 de seu *Conclusão de Sílvia e Bruno*, ele descreve (além de uma banda de Möbius, de um plano projetivo e outros inventos científicos e matemáticos fantásticos) um método extraordinário para propelar trens usando a gravidade como única fonte de energia. Os trilhos se estendem de uma cidade a outra por um túnel perfeitamente reto. Como o centro do túnel está necessariamente mais próximo do centro da Terra que suas extremidades, o trem corre por um declive até o centro, adquirindo *momentum* suficiente para mover-se pela outra metade do túnel. Curiosamente, um trem como esse faria a viagem (ignorando-se a resistência do ar e o atrito das rodas) exatamente no mesmo tempo que um objeto levaria para cair através do centro da Terra – pouco mais que 42 minutos. Esse tempo é constante, seja qual for o comprimento do túnel.

A queda mundo subterrâneo adentro como artifício para ingressar numa terra de maravilhas foi usada por muitos outros autores de histórias fantásticas para crianças, em especial por L. Frank Baum em *Dorothy e o Mágico de Oz* e Ruth Plumly Thompson em *The Royal Book of Oz*. Baum usou também o tubo através da Terra como um truque de muito efeito na trama de *Tik-Tok of Oz*.

Neste contexto o lugar torna-se físico mais uma vez, mesmo que esteja em uma conjuntura fenomenológica. Ou seja: para se escrever algo, faz-se necessário um objeto palpável (placa, caderno, livro, rocha, areia, etc...). E com certeza aqui vem os comentários de pessoas caolhas que dizem: “Mas pode escrever no ar ou no computador!” Mas não é a isto que o texto se calca.

Folha 54: (...) Onde *posso* tê-los deixado cair? Me pergunto! Alice adivinhou no mesmo instante que estava procurando o leque e o par de luvas brancas de pelica e, muito amavelmente, começou também a buscá-los aqui e ali, mas não conseguiu avistá-los em lugar algum... tudo parecia ter mudado desde seu nado na lagoa, e o grande salão, com a mesa de vidro e a portinha, desaparecera por completo.

Lugar ganha característica espacial estrutural morfodinâmica, neste trecho ora descrito. Porque o objeto é físico (leque e par de luvas), desta forma, a ocorrência de seu ser tem de estar vinculado ao plano físico. Logo; tanto as luvas, quanto o lugar tem de ser concretos. O lugar toma propriedade de localização triangulada ou se for estabelecida por GPS, será quadrangulada. É um ponto estabelecido por coordenadas geográficas ou UTM.

55: “Oh, Alice, sua tola!”, respondeu a si mesma. “Como vai poder estudar as lições aqui? Ora, mal há lugar para *você*, que dirá para os livros!”

Esta é uma fala que despende de um pouco mais de sensibilidade, porque o lugar aqui, ganha três realidades, mas se expressa em uma única conclusão do lugar: o lugar é pontuado como um local. Ela está em uma sala comprimida (p.56).



58: “Ah! Então é o Bill que tem de descer pela chaminé, não é?”, disse Alice consigo mesma. “Que vergonha, parece que jogam tudo em cima do Bill! Não queria estar no lugar do Bill por nada.

Outra ambivalência performática neste contexto, onde lugar ganha duplo sentido. 1- espacial estrutural e 2- espacial mental. Há uma interação/justaposição.

68: “Viva! Até que enfim minha cabeça está livre”, disse Alice com um prazer que num instante se transformou em susto, quando descobriu que não achava seus ombros em lugar algum: tudo o que conseguia ver, quando olhava para baixo, era uma imensa extensão de pescoço, que parecia se erguer como um talo de um mar de folhas verdes que se estendia lá longe, debaixo dela.

O lugar ganha conotação espacial física.

70: o próximo passo é ir àquele bonito jardim... como será que vou conseguir *isso*?” Ao dizer essas palavras, chegou de repente a um lugar aberto, com uma casinha de cerca de um metro e vinte centímetros de altura. “Seja lá quem more aqui”, pensou Alice, “não convém me aproximar deles com *este* tamanho; que susto iriam levar!” Assim, começou a morder do pedacinho da mão direita de novo e não se aventurou a chegar perto da casa antes de conseguir se reduzir a 22 centímetros de altura.

Lugar, recebe o caractere de um recorte no espaço morfodinâmico, um local a céu aberto.

73: No *ar*, sem dúvida havia muita. Até a Duquesa espirrava de vez em quando; quanto ao bebê, espirrava e berrava sem um minuto de tregua. As duas únicas criaturas que não espirravam na cozinha eram a cozinheira e um gato grande que estava deitado junto ao forno, sorrindo de orelha a orelha. “Por favor, poderia me dizer”, perguntou Alice um pouco tímida, pois não sabia se era de bom tom [falar em primeiro lugar](#), “por que seu gato tanto sorri?”

O lugar tem Sentido de grau de importância. Não há relevância de localização ou acometimento espacial estrutural físico. Veja a nota de rodapé:

A expressão “sorrir como um gato de Cheshire” [*“grin like a Cheshire cat”*] era corrente na época de Carroll. Sua origem não é conhecida. As duas principais teorias são: (1) Um pintor de tabuletas de Cheshire (o condado em que Carroll nasceu, diga-se de passagem) pintou leões sorrindo nas tabuletas de hospedarias da região (ver *Notes and Queries*, n.130, 24 abr 1852, p.402); (2) os queijos de Cheshire na época eram moldados na forma de um gato sorrindo (veja *Notes and Queries*, n.55, 16 nov 1850, p.412). “Isso tem um apelo carrolliano peculiar”, escreve a dra. Phyllis Greenacre em seu estudo psicanalítico de Carroll, “pois provoca a fantasia de que o gato de queijo pode comer o rato que iria comer o queijo”. O Gato de Cheshire não está no manuscrito original, *Alice’s Adventures Under Ground*.

Mas pode-se inferir a concepção de José Ferrater: Kant ha usado el vocablo 'lugar' (*Ort*) en otro sentido al introducir el concepto de *lugar trascendental* (*transzendentaler Ort*). Según dicho filósofo, el lugar trascendental es el que ocupa un concepto dentro de la sensibilidad o del entendimiento puro. La determinación de este lugar compete a la *tópica trascendental*, doctrina que "tendría que precaverse contra las subrepciones [véase SUBREPCIÓN] del entendimiento puro y de sus correspondientes ilusiones mediante la distinción en cada caso de la fuerza cognoscitiva que poseen propiamente los conceptos" (*K.r.V*, A 2687 B 324). Por otro lado, se llama *lugar lógico* a cada uno de los conceptos a cuyo ámbito pertenezcan muchos conocimientos.

78: “Bichano de Cheshire”, começou, muito tímida, pois não estava nada certa de que esse nome iria agradá-lo; mas ele só abriu um pouco mais o sorriso. “Bom, até agora ele está satisfeito”, pensou e continuou: “Poderia me dizer, por favor, que caminho devo tomar para ir embora daqui?” “Depende bastante de para onde quer ir”, respondeu o Gato. “Não me importa muito para onde”, disse Alice. “Então não importa que caminho tome”, disse o Gato. “Contanto que [eu chegue a algum lugar](#)”, Alice acrescentou à guisa de explicação.

Lugar...se estabelece numa coordenada geográfica ou UTM. Porém; pode ser qualquer uma, desde que se chegue lá. Logo; é um recorte do espaço estrutural – morfodinâmico.

81: “Encontre-me lá”, disse o Gato, e desapareceu. Alice não ficou muito surpresa com isso, tão acostumada estava ficando a ver coisas esquisitas acontecerem. [Ainda estava olhando para o lugar onde o vira quando ele apareceu de novo de repente.](#)

Lugar tem o mesmo sentido da 78; mas é um local específico.

83: Era uma mesa grande, mas os três estavam espremidos numa ponta: [“Não há lugar! Não há lugar!”](#) gritaram ao ver Alice se aproximando. [“Há lugar de sobra!”](#) disse Alice, indignada, e sentou-se numa grande poltrona à cabeceira.

O lugar se apresenta como um ponto em coordenadas, mas também como um objeto desenvolvido para confortar e comportar um ou mais indivíduos.

“Tome um pouco de vinho”, disse a Lebre de Março num tom animador. Alice correu os olhos pela mesa toda, mas ali não havia nada além de chá. “Não vejo nenhum vinho”, observou. “Não há nenhum”, confirmou a Lebre de Março. “Então não foi muito polido da sua parte oferecer”, irritou-se Alice. “Não foi muito polido da sua parte sentar-se sem ser convidada”, retrucou a Lebre de Março. “Não sabia que a mesa era *sua*”, declarou Alice; “está posta para muito mais do que três pessoas.”

87: Alice teve uma ideia luminosa. “É por isso que há tanta louça de chá na mesa?” perguntou.

“É, é por isso”, suspirou o Chapeleiro; “é sempre hora do chá, e não temos tempo de lavar a louça nos intervalos.”

“Então ficam mudando de um lugar para outro em círculos, não é?” disse Alice.

“Exatamente”, concordou o Chapeleiro, “à medida que a louça se suja.”

“Mas o que acontece quando chegam de novo ao começo?” Alice se aventurou a perguntar.

“Que tal mudar de assunto?”

O próprio autor nos responde esta questão do lugar:

Isto foi escrito antes que o chá das 5 se tornasse o costume geral na Inglaterra. Pretendia referir-se ao fato de que os Liddell por vezes serviam o chá às 6 horas, coincidindo com o jantar das crianças. Arthur Stanley Eddington, bem como escritores menos ilustres na teoria da relatividade, compararam o chá maluco, em que são sempre 6 horas, com aquela porção do modelo do cosmo de De Sitter em que o tempo permanece eternamente imóvel. (Ver cap.10 de *Space Time and Gravitation*, de Eddington.).

O lugar se perfaz espaço. Mas também recebe conotação de tempo. E aqui entra a concepção de espaço-tempo.

89: “A tirar melado”, disse o Caxinguelê, desta vez sem pestanejar.

“Quero uma xícara limpa”, interrompeu o Chapeleiro; “vamos avançar um lugar.”

Enquanto falava, passou para a cadeira seguinte e o Caxinguelê o acompanhou; a Lebre de Março passou para o lugar do Caxinguelê, e Alice, muito a contragosto, tomou o lugar da Lebre de Março. O Chapeleiro foi o único que tirou algum proveito da mudança e Alice ficou bem pior que antes, pois a Lebre de Março tinha acabado de virar a leiteira no seu prato.

Como não queria ofender o Caxinguelê de novo, Alice começou com muita cautela: “Não consigo entender. De onde tiravam melado?”

“Pode-se tirar água de um poço d’água”, disse o Chapeleiro; “portanto você deveria admitir que se pode tirar melado de um poço de melado... não, sua burra?”

Mesma concepção de 87, mas há uma preocupação maior em preservar o entendimento de localização espacial de uma estrutura, no caso, uma posição à mesa e ao mesmo tempo cadeira que ocupa ou abre/ruptura o/no espaço morfodinâmico.

95: “Deu um sopapo nas orelhas da Rainha...”, o Coelho começou. Alice soltou um gritinho de riso. “Oh, psss!” sussurrou o Coelho, amedrontado. “A Rainha vai ouvir! Sabe, ela chegou muito atrasada, e a Rainha disse...”

“Todos para os seus lugares!” esbravejou a Rainha, e foi um corre-corre de gente para todo lado, uns tropeçando nos outros; em um ou dois minutos, porém, estavam a postos, e o jogo começou.

Lugar, aqui tem a finalidade de ocupação espacial estrutural. É um posicionamento na superfície do terreno (de um mundo imaginário, mas que se aplica ao nosso mundo real – porção espacial da Terra).

114: “Tinham de aceitar a companhia dele”, disse a Tartaruga Falsa; “nenhum peixe de juízo vai a qualquer lugar sem um delfim.”

Recebe o atributo de recorte espacial físico georeferenciado (algum ponto do mundo “deles”, configurando-se como uma localização específica – no meio terrestre ou aquático). No caso, aqui especifica-se aquático marítimo.

127: “O julgamento não pode prosseguir”, disse o Rei numa voz muito grave, “até que todos os jurados tenham retornado a seus devidos lugares... todos”, repetiu com muita ênfase, lançando um olhar bravo para Alice.

Refere-se a cadeiras ou poltronas, objetos que ocupam ou abrem o espaço morfodinâmico, sendo esta abertura, preenchidas pelos corpos destas coisas (cadeiras ou poltronas), distorcendo o espaço/estrutura morfodinâmica, temporariamente. É temporário porque afeta o espaço até o

momento de sua existência. Quando esta apodrecer ou deixar de existir, o espaço retorna a sua configuração original. A estrutura morfodinâmica se refaz. Lembre-se: o ser vivo que deforma o espaço também é temporário.

Na verdade, não ocupamos espaços, estabelecemos uma relação momentânea de deslocamento espacial.

Quando colocamos um livro em uma estante vazia, não estamos preenchendo um espaço vazio, mas rompendo o campo de coesão das moléculas que estão presentes ali.

Isso vai gerar uma ruptura espacial, no que aparentemente estava vazio. Mas o espaço que vemos na estante? Não está vazio!

Você vê algo a ser preenchido com livros. E nomeia este algo como espaço da/na estante!
Mas será que estamos preenchendo ou abrindo este espaço (estrutura invisível) com o livro?
Isso não vai mudar nada na vida das pessoas. Mas e para a Ciência?

135: Primeiro, sonhou com a própria Alice, e mais uma vez as mãozinhas dela lhe apertavam o joelho, e os olhos brilhantes e impacientes olhavam os seus... podia ouvir até as entonações da voz dela, e ver aquele seu jeitinho de jogar a cabeça para afastar o cabelo desgarrado que *sempre* lhe caía nos olhos... e enquanto ouvia, ou parecia ouvir, o lugar inteiro à sua volta ganhou vida com as estranhas criaturas do sonho da irmã.

O lugar ganha conotação de local (localização espacial georreferenciado), ao mesmo tempo em que se configura como ambiente, pois; ganhou vida.

136: (...) no alarido do movimentado terreiro da fazenda... enquanto os mugidos do gado à distância iriam tomar o lugar dos soluços tristes da Tartaruga Falsa.

Lugar agora é um sentimento abafado, uma expressão de tristeza de um ser, que não será percebida pelos demais. Não se trata de espaço, espaço-tempo, ambiente ou localização. É uma substituição sentimental.

144: Não vi teu rosto ensolarado, Nem ouvi tua risada argentina:

Lugar algum por certo me será dado

Doravante em tua jovem vida...

Basta que agora consintas sem mais nada

Em ouvir este meu conto de fadas.

Recebe a característica de local (localização).

155: “Que vulcão?” perguntou o Rei, olhando aflito para a lareira, como se julgasse aquele o lugar mais provável para encontrar um.

Mesma inferência de 144

168: “Veja só! Está demarcado exatamente como um grande tabuleiro de xadrez!”

Alice disse por fim. “Deve haver algumas peças se mexendo em algum lugar...

ah, lá estão!”

Pontuação geo-referenciada.

169 O mais curioso nisso tudo era que as árvores e as outras coisas em volta delas nunca mudavam de lugar: por mais depressa que ela e a Rainha corressem, não pareciam ultrapassar nada. “Será que todas as coisas estão se movendo conosco?” pensou, atônita, a pobre Alice. E a Rainha pareceu lhe adivinhar os pensamentos, pois gritou “Mais rápido! Não tente falar!”

Localização.

170: Alice olhou ao seu redor muito surpresa. “Ora, eu diria que ficamos sob esta árvore o tempo todo! Tudo está exatamente como era!”

“Claro que está”, disse a Rainha, “esperava outra coisa?”

“Bem, na *nossa* terra”, disse Alice, ainda arfando um pouco, “geralmente você chegaria em algum outro lugar... se corresse muito rápido por um longo tempo, como fizemos.”

Referencial de localização espacial, associado ao tempo. Isso nos remete ao espaço-tempo.

170 (...) “Que terra mais pavorosa!” comentou a Rainha. “Pois aqui, como vê, você tem de correr o mais que pode para continuar no mesmo lugar. Se quiser ir a alguma outra parte, tem de correr no mínimo duas vezes mais rápido!”

Apesar de o autor mostrar que esta passagem é utilizada em citações de área política, ela se refere a velocidade da luz (Teoria da Relatividade de Einstein), porém; esclarece do porque a estação espacial permanece onde está. E do porque ficamos no lugar em que estamos, sendo que a Terra gira aproximadamente 28.000 Km/h. Também posso me utilizar para criticar a geografia humana, quando ela diz (geógrafos(as) humanos(as)) dizem que resolvem problemas reais e contribuem para o entendimento de algo como as religiões e seus territórios. É isso é muito importante para as geografias humanas sociais!

Agora vos pergunto: O quê de **fato** mudou na vida das pessoas e das sociedades em geral?

Mas...para a **Geografia** e a Sociologia, o que interessa é que: o lugar se configura como localização geo-referenciada.

173: “Vamos lá! Mostre sua passagem, criança!” prosseguiu o Guarda, olhando irritado para Alice. E uma porção de vezes exclamou ao mesmo tempo (“como o refrão de uma canção”, pensou Alice): “Não o faça esperar, criança! Ora, o tempo dele vale mil libras o minuto!”

“Sinto muito, mas não tenho passagem”, Alice disse, atemorizada; “não havia guichê lá de onde vim.” E o coro de vozes recomeçou: “Não havia lugar para uma pessoa lá de onde ela veio. A terra lá vale mil libras o centímetro!”

“Não me venha com desculpas”, disse o Guarda; “devia ter comprado uma do maquinista.” E de novo o coro de vozes se ergueu com: “Com o maquinista. Ora, só a fumaça vale mil libras a bafurada!”

Para os sociólogos, o lugar, citado aqui, ganha respaldo nas interpretações de Milton Santos, mais especificamente o que retrata a sua obra: “O espaço da cidadania e outras reflexões” (O espaço da cidadania e outras reflexões / Milton Santos; organizado por Elisiane da Silva; Gervásio Rodrigo Neves; Liana Bach Martins. – Porto Alegre: Fundação Ulysses Guimarães, 2011. (Coleção O Pensamento Político Brasileiro; v.3).:

Lugar e valor do indivíduo

“O espaço impõe a cada coisa um determinado feixe de relações, porque cada coisa ocupa um lugar dado”.

Cada homem vale pelo lugar onde está: o seu valor como produtor, consumidor, cidadão, depende de sua localização no Território. Seu valor vai mudando, incessantemente, para melhor ou para pior, em função das diferenças de acessibilidade (tempo, frequência, preço), independentes de sua própria condição.

Pessoas, com as mesmas virtualidades, a mesma formação, até mesmo o mesmo salário têm valor diferente segundo o lugar em que vivem: as oportunidades não são as mesmas. Por isso, a possibilidade de ser mais ou menos cidadão depende, em larga proporção, do ponto do território onde se está. Enquanto *um lugar* vem a ser condição de sua pobreza, *um outro lugar* poderia, no mesmo momento histórico, facilitar o acesso àqueles bens e serviços que lhes são teoricamente devidos, mas que, de fato, lhe faltam. (Milton Santos, p.161).

Mesmo assim, fica ainda distorcido do real significado que o lugar aqui desponta. Pois esta visão se restringe ao marxismo, estabelecendo pouco vínculo com as demais formas de sistemas que abordam o mesmo conceito, aqui exposto. Além de preservar um espaço, que na realidade se apresenta como um ambiente social.

Sua verdadeira função neste trecho descrito, representa-se como local, uma poltrona no vagão, que custa menos da fração do centímetro de terra donde ela veio.

184: Alice não queria apertar a mão de qualquer dos dois em primeiro lugar, temerosa de ferir os sentimentos do outro; assim, a melhor saída lhe pareceu apertar ambas as mãos ao mesmo tempo; um instante depois eles estavam dançando em círculo.

Mesmo que 73.

191: “Não, não!” Tweedledee retrucou, desdenhoso. “Não estaria em lugar algum. Ora, você é só uma espécie de coisa no sonho dele!

Faz-se importante esclarecer “coisa”, antes de analisar o “lugar”. Conforme Nicola Abbagnano, coisa, neste contexto, se refere a qualquer objeto ou termo, real ou irreal, mental ou físico, etc, de que, de um modo qualquer, se possa tratar. Possui significado genérico.

O Lugar – possui ampla designação ao mesmo tempo em que se restringe a coisa do sonho. Neste contexto, o lugar pode ser entendido de várias formas:

- a) Local real (georeferenciado);
- b) Imaginativo ou surreal
- c) ação negativa de existir, que incorre na percepção de simplesmente desaparecer ou deixar de existir. Logo; o lugar é abstrato inexistente (em lugar algum).

Nicola-ABBAGNANO, nos diz:

LUGAR (gr. *xónoc*, lat. *I.ocus*; in. *Place*: fr. *I.ieu*; ai. *Ort*; it. *Luogo*). Situação de um corpo no espaço. Há duas doutrinas do L: 1ª de Aristóteles, para quem o L. é o limite que circunda o corpo, sendo portanto uma realidade autônoma; 2ª moderna, para a qual o L. há certa relação de um corpo com os outros.

198: Alice desprende cuidadosamente a escova e fez o que podia para lhe ajeitar o cabelo. “Veja, está com uma aparência muito melhor agora!” disse após mudar a maior parte dos alfinetes de lugar. “Mas realmente devia ter uma criada de quarto!”

Posicionamento georeferenciado, mesmo estes estando na cabeça de alguém, este rei ocupa uma posição no globo ou no mundo (seja de que mundo for. Mesmo que este mundo seja um cubo).

206: “Os mais bonitos estão sempre mais longe!” disse por fim, com um suspiro ante a teimosia dos juncos em crescerem tão afastados, enquanto, faces afogueadas e cabelo e mãos pingando, tentava voltar a seu lugar e começava a arrumar seus recém-descobertos tesouros.

Mesmo que 198, porém; Alice está sentada em um barco.

206, nono parágrafo: “Que belo remo você enforcou!” ela observou, quando Alice voltava ao seu lugar, bastante aliviada por ainda estar no barco.

Mesma designação.

219: “É justamente do que me queixo”, disse Humpty Dumpty. “Seu rosto é igual ao de todo mundo... os dois olhos, tão...” (marcando o lugar deles no ar com o polegar) “nariz no meio, boca embaixo.

Aqui a conotação não é de posicionamento global, mas se refere a uma localização de uma estrutura corpórea. Porém; é um gesto envolto de significado. É uma figuração de linguagem.

228: O Rei estava evidentemente bastante constrangido por ter de se sentar entre aquelas duas criaturas, mas não havia outro lugar para ele.

Minha interpretação, neste caso, é que esta frase tem duplo sentido:

- a) Posicionamento georeferenciado.
- b) O rei se via como um ser mais elevado que os outros.

228, décimo segundo parágrafo: Parecia absurdo, mas Alice levantou-se muito obedientemente e passou o prato pela roda, e quando o fez o bolo se dividiu a si mesmo em três pedaços. “*Agora corte-o*”, disse o Leão quando ela voltou para o seu lugar com o prato vazio.

Ver 206.

254: Levem o assado!” E os garçons o levaram e trouxeram [um grande pudim de passas no lugar](#).

Atributo de substituição.

259: De fato, foi bastante difícil para Alice se manter em seu lugar enquanto fazia seu discurso: as duas Rainhas a empurravam tanto, uma de cada lado, que quase a fizeram subir pelos ares.

Reveja 206

282: Quando o frio aumenta, já não encontram calor suficiente em seus ninhos, que se tornam odiosos para elas, [e voam para buscá-lo nos cantos das casas e lugares que recebem calor artificial](#). Mas mesmo assim o inverno é insuportável; e, antes que o ano novo comece, secam e morrem.

Estas linhas nos mostra a construção de ambientes, que os seres humanos constroem, afetando, de maneira positiva e/ou negativa a natureza (NITSCHKE, “Conjecturas geográficas” <http://hdl.handle.net/10316.2/41896>). Sendo que o lugar, neste ponto recebe aspecto georeferenciado, mas com propriedade ambiental.

Em sua página 305: Carroll pode ter pretendido que sua “corrida em comitê” simbolizasse o fato de que os membros de comitês geralmente correm muito em círculo, [sem chegar a lugar algum](#), todos almejando um prêmio político. Sugeriu-se que ele foi influenciado pelo comitê de corvos no cap.7 de *Water Babies*, cena que Charles Kingsley escrevera com óbvia intenção de mordaz sátira política, mas as duas cenas têm pouco em comum.

Novamente temos uma visão estereoscópica de lugar, comprimidas em uma linha que atribui sentimentos envolvidos em uma repercussão física. É uma analogia referencial do mental com o material, mais especificamente o espaço morfodinâmico (estrutural). Desta forma, são ideias que se dispersam e se concentram em momentos redundantes que impossibilitam uma conclusão ou ação de fazer. Tendo por base um espaço a ser percorrido para se chegar a um prêmio. Porém, este espaço é imaginário, bem como o lugar. Mas está calcado em analogia física, tanto espacial, como georeferencial.

319: Segundo a tradição familiar dos Langford, George escreveu o poema quando visitava o lugar onde nascera na Irlanda em 1845.

O próprio texto nos informa a designação de lugar. Mas há uma influência sentimental com a palavra. Tem apelo emocional.

348: As atordoantes mudanças de tamanho que Alice experimenta no primeiro livro [são substituídas por mudanças igualmente atordoantes de lugar, ocasionadas, é claro, pelos movimentos das peças de xadrez pelo tabuleiro](#).

Referindo-se ao jogo de xadrez, as movimentações são referencial de posicionamento planisférico. Porém; se analisarmos o livro como um todo, estes movimentos são caóticos, tendo variações em suas definições e conceituações. Não sendo, estes, estabelecidos em algo puramente físico – real, emocional, ou fenomenais mas também surreal. Além de relevância severa com a Física Quântica.

353: Alice corre tão depressa quanto pode para ficar no mesmo lugar.

Rever 170.

367: (...) induzindo-os a sair de seus lugares; (...)

O contexto desta sublime linha, se calca na observância das peças de xadrez se tornarem seres humanos, aquelas coisas mesquinhas e donas do mundo, que se vendem, se matam, roubam e fazem politicagem. Esses seres que se acham deuses ... claro que mais parecido com Loki!

O significado para lugar se estabelece como local, pontuado por coordenadas.

369: Uma bolsa ao lado de Alice toma o lugar da Bíblia à esquerda na menina no banco de igreja. Em seu diário (7 abr 1864) Carroll registra uma visita à casa de Millais, onde conheceu a filha de 6 anos do pintor, Effie, o original da menina da pintura.

Caráter de substituição.

372: Alice pode estar pensando em Lily, o nome do peão branco cujo lugar ela tomou, e também em seu sobrenome, Liddell. Talvez, como os leitores Josephine van Dyk e a sra. Carlton Hyman propuseram independentemente, Alice esteja recordando vagamente o som de seu prenome, que parece começar com o nome da letra l [em inglês] – “L-is”.

Mesma questão de 369.

400: “O Cavaleiro Branco”, Carroll escreveu a Tenniel, “não deve ter suíças; não se deve fazê-lo parecer velho.” Em nenhum lugar do texto Carroll menciona bigode, tampouco indica a idade do cavaleiro.

O lugar, refere-se ao contexto de todas as páginas do livro, onde não existe uma menção a uma característica falsa de uma personagem. O lugar é contextual e literário. Ou seja: para a Geografia ou a Sociologia, não há relevância severa, apenas se referir-se as suas atividades. Porém, é útil ao desenvolvimento da escrita científica.

413: *Venham encher minha taça, até fazê-la transbordar, Venham selar seus cavalos e os seus homens convocar; Venham abrir o Portão Oeste, e meu bando libertar, E pr'os gorros de Bonny Dundee não há de faltar lugar!*

Sempre cabe mais um!

416: A abrupta mudança de cenário que ocorre sempre que Alice salta um riacho se assemelha às mudanças que têm lugar num jogo de xadrez sempre que um lance é feito, bem como às súbitas transições que ocorrem nos sonhos.

O lugar recebe várias designações, tanto de localização espacial, bem como, fenomênicas. Desta forma, pode-se inserir outro livreto, denominado de: “A bomba G.H.” como se sucede:

RELEMBRANDO...PARA O MOMENTO ATUAL BRASILEIRO E MUNDIAL – A BOMBA G.H.

Na ciência não se deve puxar sardinha para o seu lado. Tem de se fazer Ciência! Só porque é representado no mapa, não significa ser Geografia.
(J. C. V. Nitsche)
Ou você muda de atitude ou muda de nome!
(Alexandre Magno)

Esta obra retrata o uso de geografia nas análises estratégicas e o que acontece com a Geografia até o momento de sua destruição pela bomba H.G., mostrando as diferenças entre as áreas: História, Sociologia e as geografias. Porque, no momento presente, os geógrafos estão mesclando literalmente estas áreas, além de englobarem e se apropriarem de tudo. E a melhor maneira de demonstrar isso é através das campanhas militares. Para que tal objetivo seja alcançado, vamos falar com H.G. Wells e emprestar sua máquina do tempo, assim, poderemos viajar pelas éras remotas e saltar no tempo ao nosso bel prazer e se estabelecer em momentos importantes que ofereça suporte às análises aqui postuladas. A Geografia, desde os primórdios, sempre foi utilizada para auxiliar na sobrevivência humana, isso está expresso na obra “Conjecturas Geográficas” (NITSCHKE, 2017) e “Os Sociólogos não Descrevem a Terra” (NITSCHKE, 2016). Tal característica, permite o planejamento, estruturação, desenvolvimento e também a defesa dos territórios. Ou seja: a Geografia não é feita para fomentar ou promover a guerra. Mas o uso da geografia, termo este, muito usado na área dos geógrafos, sendo o mais correto: de geografia, auxilia no planejamento de defesa e ataque (incursões militares), bem como, dos planejamentos de cidades e Estados. Assim como, se preza auxiliadora nos trabalhos de pesquisas da biologia, arquitetura, engenharia, sociologia e tantas outras. Tendo em mente que todas as ciências estabelecem vínculos e se ajudam em um momento outro. Pois; a Geografia se serve da Biologia, Física, História e das demais áreas. O problema surge quando pesquisadores iniciam o processo de estudos sociais, dentro da fundação de Strabo. Iniciando-se globalmente com as análises de Ratzel, conforme relatado na obra: “Conjecturas Geográficas” (NITSCHKE, 2016, P. 22 e 23): *FRIEDRICH RATZEL (30/08/1844 Kalsruhe-Alemanha – 09/08/1904 L. Starnberger): Geógrafo e etnólogo alemão fundador da geografia política moderna ou geopolítica, o estudo da influência do ambiente na política de uma nação ou sociedade. Dele originou-se o conceito de 'espaço vivo' (Lebensraum), que se preocupa com a relação de grupos humanos com os espaços do seu ambiente. Ele lecionou na Universidade de Munique entre 1875 e 1886, e desta data até sua morte foi professor de geografia da Universidade de Leipzig. Seu conceito de 'espaço vivo' foi depois usado pelo Partido Nacional Socialista (Nazista) para justificar a expansão germânica e a anexação de territórios que precedeu a segunda guerra mundial. Ritler, o ditador alemão, inspirou-se nesta visão para elaborar sua teoria “Espaço”.*

E no Brasil se perpetua com a fundação/criação da geografia humana com bases conceituais de La Blache, sendo estabelecidas na Universidade de São Paulo-USP.

Conforme nos informa: HAESBAERT, Rogério; PEREIRA, Sergio Nunes; RIBEIRO, Guilherme (Orgs.). **Vidal, Vidais:** textos de Geografia Humana, Regional e Política. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. p.464p:

Esse movimento é bastante conhecido no debate historiográfico sobre a configuração da “escola histórica” francesa. No tocante ao Brasil, cabe lembrar o papel central que essa historiografia teve (e continua tendo) na institucionalização da pesquisa universitária em História, inicialmente, com a configuração do curso de História e Geografia na Universidade de São Paulo (criada em 1934), a cargo da chamada “missão francesa”, de futuros expoentes no campo da Geografia, Sociologia e História, como Pierre Monbeig, Roger Bastide e Fernand Braudel, respectivamente, dentre outros professores.

Guerra; nada mais é que (definição do autor): Um idiota com poderes, podendo, este, ter riquezas ou não, que brinca com outro ignorante poderoso (com ou sem riquezas), sendo estes apoiados por fanáticos torcedores de times de futebol ou quais quer esporte. Integrantes fanáticos de partidos políticos e cegos ou caolhos que se promovem ou prosperam com a carnificina de muitos para beneficiar poucos. E a massa ingênua ou covarde adere a tais ideais e luta pela visão desses poucos e por suas liberdades e riquezas. Sendo que a massa populacional luta por sua escravidão, que recebe o nome de

direitos, tais como: direito à obrigatoriedade de votar em pessoas que você nem conhece ou que já é reconhecidamente de má índole. Desde o surgimento do ser bípede notocordado, mamífero e formado por três membros, é que se evidencia conflitos e lutas por territórios e por seus apelos instintivos e conscientes.

A guerra faz parte de todos os seres, mas somente o mais evoluído de todos criam armas nucleares, inventam o dinheiro, atribuem valores em coisas materiais e supérfluas, enriquecem às custas dos trabalhos de outros, escravizando-os e declaram guerras iludindo seus governados para lutarem por suas liberdades, mas na realidade é por tua liberdade.

Livres são os menores de idade, que aqui, tornam-se maiores ao atingir 18 anos para homens e 21 anos para mulheres e estes podem votar aos 16. Que no site:

https://www.conjur.com.br/2003-abr-30/maioridade_civil_legislacao_penal_brasileira, nos revela tal fato. Mas se quiserem mais informações, basta lerem a Constituição Brasileira e o Estatuto da Criança e do Adolescente. Aqui no Brasil, as crianças menores de 14 anos não podem trabalhar, conforme o site:

<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2009/11/menor-de-14-anos-nao-pode-trabalhar-no-Brasil> : *“Proteção das **crianças**. O **trabalho** no Brasil é proibido para **menores** de 14 anos e, desta idade até os 15 anos, só é permitido na condição de aprendiz. ... Em contrapartida, devem matricular **a criança** ou o adolescente na escola e comprovar frequência mínima de 85% da carga horária escolar mensal”*. Mas tem a liberdade de traficar, matar, roubar e tudo mais que se possa imaginar no meio criminal. Livre são estes menores, que o site:

<https://www.conjur.com.br/2012-ago-16/menor-nao-obrigatoriamente-internado-trafico-droga> informa: *“Menores de idade não devem ser, obrigatoriamente, internados por envolvimento com o tráfico de drogas. O entendimento foi formalizado na Súmula 492 do Superior Tribunal de Justiça, com o seguinte enunciado: “O ato infracional análogo ao tráfico de drogas, por si só, não conduz obrigatoriamente à imposição de medida socioeducativa de internação do adolescente”. Além do efetivo cometimento da infração, seria necessária a presença das condições previstas no Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (Lei 8.069/1990).”* Podendo votar aos 16 para presidente, um dos cargos mais importantes. Mas não podem ser presos.

E os presidiários adultos, não trabalham nas construções de creches, escolas, pavimentação de ruas e estradas, enfim, não realizam labuta árdua. Tal labor, enobrece o ser, além de diminuir os custos das obras públicas, de se extinguir os pedágios e haver uma contribuição real à nação. Sem que estes presidiários sejam remunerados, porque eles não estão lá para trabalhar “registrado”/formal, mas para se ajustarem à sociedade (que já paga por preso um valor aproximado de 1.800,00 Reais, conforme as fontes governamentais e OnGs. Basta procurar os dados na internet). E vos garanto que: não haveria uma elevada taxa de reincidência porque malandro e criminoso não gosta de trabalhar honestamente.

Para finalizar as liberdades brasileiras, ainda que mundialmente, exista os direitos humanos, luta-se pelos criminosos que não podem ser transportados no porta-malas de uma viatura. Mas o sequestrado pode ser amarrado, espancado e jogado dentro de um. Nos Estados Unidos da América (E.U.A.), os negros lutaram em várias guerras, mas não para obter a liberdade e os mesmos direitos dos brancos, mas para provar o valor humano de si mesmo. Mas tudo que conseguiram de imediato foi a liberdade de serem tratados como lixo e seres inferiores. Justamente o que Hitler fazia com os judeus (2ª guerra mundial)! O mais interessante, é que lutaram ao lado de comandantes racistas, que nem se quer, permitia que um negro abordasse o navio, como retrata Eugene White - soldado de infantaria (outubro de 1919): *“A democracia é para os brancos”*. E tudo que obtiveram é historicamente conhecido e reconhecido no mundo todo, mas que se resume ao que o site:

<http://veja.abril.com.br/blog/duvidas-universais/como-o-partido-democrata-que-era-pro-escravidao-virou-o-preferido-dos-negros/> nos mostra.

Ou seja: a liberdade de lutarem por seus interesses e contra o racismo, que até hoje existe, não apenas nos E.U.A. mas em todo o globo. Seja este de que tipo e grau for. Regressando ao Brasil, os habitantes primordiais deste particulado territorial, lutaram pela liberdade de se manter nas suas terras. Muito não conseguiram e atualmente existe as chamadas áreas indígenas. Porém; a representação desta liberdade de se manter no local, está evidenciada nas guerras guaranícas. Sendo ainda evidenciado: a liberdade dos políticos de conduzirem e fazerem as guerras, mas estes, nunca estão no campo de batalha. Estão em casa, ou em algum recanto luxuoso, servido de carnes nobres e bebidas caríssimas, discutindo o que farão com os espólios de guerra e suas futuras candidaturas. Além de não obterem os mesmos direitos, ao que se refere à prisão ou a condenação, daqueles menos afortunados que roubam/furtam uma margarina.

O desempregado que furta uma margarina, que no Brasil (2017), custa entre 2,80 a 7,00 Reais é preso. O político ladrão (que rouba milhões), é apenas um desvio de conduta, ou uma calúnia que opositores desferem.

No site: <http://noticias.terra.com.br/brasil/noticias/0,,OI1288126-EI5030,00-SP+mulher+que+roubou+pote+de+manteiga+e+condenada.html>

A Justiça condenou a empregada doméstica Angélica Aparecida Souza, 19 anos, a quatro anos de prisão em regime semi-aberto por ter tentado roubar um pote de manteiga no dia 16 de novembro de 2005, no Jardim Maia, em São Paulo. De acordo com o jornal Diário de S. Paulo, ela afirmou que o ato foi causado por desespero, porque ela não aguentava ver o filho de 2 anos passar fome. Angélica entrou no mercado e foi surpreendida pelo dono, Dadiel de Araújo, com o pote de 200 gramas de manteiga escondida no boné. A polícia foi acionada e Angélica passou 128 dias na cadeia de Pinheiros. Seu advogado, Nilton José de Paula, pediu liberdade provisória por quatro vezes, mas todas foram negadas. Ele recorreu ao Supremo Tribunal de Justiça, alegando que sua cliente não tinha antecedentes. Depois de quatro meses, Angélica foi libertada. Mas agora, foi condenada a cumprir pena em regime semi-aberto.

Sendo que no site: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2017/06/justica-do-parana-reverte-decisao-de-moro-e-absolve-joao-vaccari-neto.html>

O Tribunal Regional Federal da 4ª Região, em Porto Alegre, absolveu o ex-tesoureiro do Partido dos Trabalhadores João Vaccari Neto. Ele tinha sido condenado em primeira instância, pelo juiz Sérgio Moro, por corrupção, lavagem de dinheiro e associação criminosa, mas dois desembargadores consideraram que as provas foram baseadas somente em delações premiadas. O ex-tesoureiro do PT João Vaccari Neto e mais nove réus foram condenados em setembro de 2015 pelo juiz Sérgio Moro na primeira condenação da história da Lava Jato. Vaccari pegou 15 anos e quatro meses de prisão. (...) A defesa do ex-tesoureiro do PT recorreu à segunda instância, o Tribunal Regional da 4ª Região, em Porto Alegre. No começo de junho, o relator, o desembargador João Pedro Gebran, votou pelo aumento da pena de Vaccari. Para ele, as provas foram suficientes, representadas pelas delações e outros elementos. E um dos outros dois desembargadores, Leandro Paulsen, votou pela absolvição do ex-tesoureiro do PT. Nesta terça-feira (27), o desembargador Victor Laus empatou a votação e inocentou João Vaccari Neto. Paulsen e Laus entenderam que os delatores não apresentaram provas do que disseram contra o ex-tesoureiro. Dos cinco réus que recorreram, Vaccari foi o único absolvido nesta terça, mas continuará detido porque tem ainda mais duas prisões preventivas. João Vaccari está preso desde abril de 2015. (...)

Caso queiram mais suporte às minhas palavras, basta pesquisar na internet ou nas fontes governamentais e levantar os dados de prisões e apreensões dos civis, que roubam margarina e compará-los com as prisões e condenações dos políticos que roubam milhões à trilhões. E garanto que isso ocorre em todos os países!

Agora pergunte: Quanto custa o potinho manteiga importada que este político consome durante o café da manhã? Entendam, não estou desenvolvendo apologia aos crimes ou furtos e roubos. Mas se todo o sistema de um país é mantido e formulado pelo Estado e seus responsáveis são irresponsáveis aos cometerem atos infracionais, transgressivos, corruptivos e criminosos. Então o povo segue estes altivos exemplos e princípios. E são por essas liberdades que se luta nas guerras!

Mas os motivos que levam o militar brasileiro à guerra, que além da emoção, são estabelecidos no compromisso e em seu juramento à bandeira. Ou seja: as obrigações e o seu amor à Pátria. E tal atitude e pensamento, evidencia-se na canção do Exército, mas que recai em toda a Força Armada Brasileira, conforme a letra nos mostra:

Canção do Exército

Nós somos da Pátria a guarda,
Fiéis soldados, Por ela amados.
Nas cores de nossa farda Rebrilha a glória, Fulge a vitória.
Em nosso valor se encerra Toda a esperança Que um povo alcança.
Quando altiva for a Terra Rebrilha a glória, Fulge a vitória.
A paz queremos com fervor,
A guerra só nos causa dor.
Porém, se a Pátria amada For um dia ultrajada Lutaremos sem temor.
Como é sublime Saber amar,
Com a alma adorar
A terra onde se nasce!
Amor febril Pelo Brasil.
No coração Nosso que passe.
E quando a nação querida,
Frente ao inimigo,
Correr perigo,
Se dermos por ela a vida
Rebrilha a glória, Fulge a vitória.
Assim ao Brasil faremos Oferta igual De amor filial.
E a ti, Pátria, salvaremos!
Rebrilha a glória,
Fulge a vitória.
A paz queremos com fervor,
A guerra só nos causa dor.
Porém, se a Pátria amada For um dia ultrajada Lutaremos sem temor. (Fonte: *Livro Hinos e Canções Militares, Edição de 1976*).

Não há como descrever este ideal dos militares seja de qual país for. Mas há forças mercenárias e paramilitares, que não são alimentadas pelas mesmas razões e/ou idealismo. Agora que entendemos o porquê de se lutar nas guerras, vamos retroceder, (em nossa máquina do tempo), a estas, em um resumo, para que se possa avaliar se tais questões são Sociologia, História, Geografia e/ou geografia.

**Senhores; não vos esqueceis dos homens da guerra.
Pois; o Brasil um dia devotou-lhes grande missão.**
(Gen. Mandin)

Trecho – CANÇÃO DO EXPEDICIONÁRIO (Música: Spartaco Rossi – letra: Guilherme de Almeida):

Você sabe de onde eu venho ?
Venho do morro, do Engenho, Das selvas, dos cafezais, Da boa terra do coco,
Da choupana onde um é pouco, Dois é bom, três é demais,
Venho das praias sedosas,
Das montanhas alterosas,
Do pampa, do seringal, Das margens crespas dos rios,
Dos verdes mares bravios
Da minha terra natal.

In: *Conjecturas Geográficas* 2ª ed. (2017, p. 28), encontramos a seguinte mensagem:

A arqueóloga Marta Mirazón Lahr (Universidade de Cambridge), descobriu um sítio em Nataruk, no Quênia – África: In: https://www.youtube.com/watch?v=05jK_-YThxY - “print screen” (2017).

Este é o local da mais antiga batalha travada de que se tem evidências científicas. Tal afirmação, pode ser confirmada pela própria pesquisadora, que no mesmo site https://www.youtube.com/watch?v=05jK_-YThxY, comenta suas análises. Conforme seus informes, a datação radio-carbono, dos ossos encontrados, estabeleceu a idade entre 9.000 a 10.000(+/-500) anos.

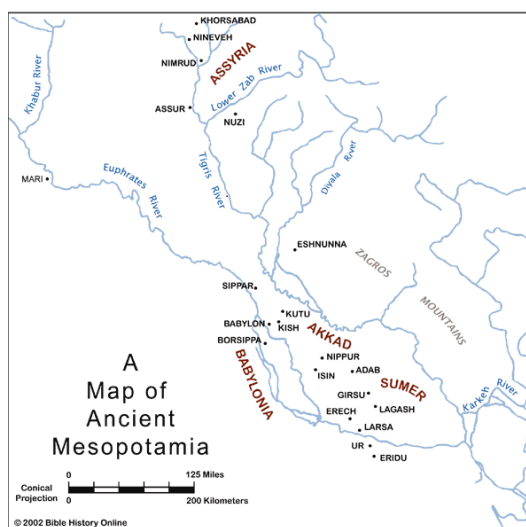
Estes povos, se não fossem seres humanos (homo sapiens) poderiam ter se unido e trabalhado conjuntamente para desenvolverem um ambiente mais propício à auto sustentabilidade de suas comunidades. Nesta guerra não houve a presença da Geografia e muito menos da geografia,

foram questões sociais puras. Que alguns geógrafos podem contestar dizendo: “Mas o clima, a topografia, a qualidade do solo, enfim, todas as características geográficas contribuíram para que a tribo vizinha não conseguisse os mantimentos e invadissem o território alheio, porque o próximo não quis dividir suas provisões (alimentos, vestimentas, ferramentas e outras).

Essa ideia já se descarta no momento que visualizamos que são tribos vizinhas. Logo; possuem as mesmas condições de sobrevivência. E não existe registro arqueológico e/ou evidencia científica que dê respaldo à inferência de que tentaram uma união ou pedido de ajuda ao grupo vizinho. Levando-se em consideração que tais ações antecede o uso de grupos organizados e preparados para a guerra.

A bibliografia consultada relata que os primeiros povos a se utilizar de tropas ou grupos preparados para o combate fora os povos que viviam na região conhecida como entre rios, termo utilizado pelos romanos, na época de Alexandre Magno (Séc. III a.C.), que passou a ser conhecida como Mesopotâmia no Século XIX d. C.

Embasando-me nos relatos históricos infiro que já existia um grupo de pessoas, preparadas para o combate organizado, datando de aproximadamente 6.000 a 7.000 a.C. Mas garanto, que a Arqueologia ainda tem muito para nos mostrar, com relação aos povos que hoje conhecemos. E tenho a convicção que muitas surpresas nos aguardam, mais especificamente, no que se refere a povos mais antigos dos que os registrados atualmente. Sendo que os povos da Mesopotâmia foram os primeiros a desenvolver um exército. Tal base se calca nos enunciados e pesquisas que ora são apresentados(as):



Internet, 2017

Conforme BURNS, E. M. “História da Civilização Ocidental”, (trad. Lourival Gomes Machado e Leonel Vallandro) 2ª ed. 5ª impress. Vol.1 Editora Globo – Rj. Poa. SP. (1966, p. 99 a 102): (...) Mais ou menos em 2.550 a.C. os sumerianos foram dominados por Sargão I, chefe de uma nação semítica que se havia estabelecido numa região do vale conhecida por Acad. Foi esse o prelúdio da fundação do primeiro grande império semítico na Ásia Ocidental, pois logo depois Sargão submeteu os elamitas e todos os outros povos do norte da Síria até o Mediterrâneo. Mas como tantos outros estados que tiveram suas raízes na conquista, esse império foi de curta duração.

A morte de Sargão foi o sinal para a primeira de uma série de revoltas sumérias. Não obstante serem essas revoltas sufocadas, enfraqueceram o estado e abriram o caminho para a sua destruição pelos guti, um feroz povo bárbaro do norte. Finalmente, cerca de 2.300 a.C., os sumerianos, tendo à frente a cidade de Ur, rebelaram-se com sucesso contra o governo dos guti e estabeleceram seu poder sobre todo o território de Sumer e Acad.

O mais famoso rei do novo estado foi Dungi, que se atribuiu o grandiloquente título de “rei das quatro regiões da terra” e tentou repetir as façanhas militares de Sargão I. O novo império

sumério não sobreviveu à morte de Dungi. Foi anexado pelos elamitas no século XXI e, mais ou menos no ano 2.000 a.C., conquistado por um povo semita conhecido pelo nome de amoritas, que vieram das orlas do deserto da Arábia. Desde a época em que fizeram da povoação de Babilônia a capital de seu império, são comumente chamados babilônios ou antigos babilônios, para distingui-los dos neobabilônios ou caldeus, que ocuparam o vale muito mais tarde.

A ascensão dos antigos babilônios inaugurou a segunda fase importante da civilização do Tigre-Eufrates. A dominação dos sumerianos encerrara-se nessa época, embora sobrevivesse grande parte da sua cultura. (...).



(Fonte: Internet, 2017)

Tendo como base este relato pode-se inferir que Sargão I detinha o conhecimento estratégico e tático de batalha e possivelmente empregava uma formação tática especializada em combate. E para consolidar suas vitórias seria necessário possuir um exército. BURNS (Seg. p.102) (...) *Através da maior parte de sua história os sumerianos viveram numa frouxa confederação de cidades-estados, unida unicamente para fins militares.*

À frente de cada uma estava um patesi, que acumulava as funções de primeiro sacerdote, comandante do exército e superintendente do sistema de irrigação.

Ocasionalmente, um desses governadores, mais ambicioso, teria estendido seu poder sobre um certo número de cidades e assumido o título de rei. No entanto, foi só na época de Dungi, mais ou menos em 2.300 a.C., que todos os sumerianos se uniram sob a autoridade única de um chefe da sua nacionalidade.

O sistema econômico sumério era relativamente simples e ensejava um campo mais largo aos empreendimentos individuais do que geralmente se concebia no Egito. A terra nunca fora propriedade exclusiva do rei, quer na prática, quer teoricamente. Nem o comércio nem a indústria constituíam monopólio do governo. Por outro lado, as massas populares pouco tinham que pudessem considerar de sua propriedade.

(...) Ao se analisar este enfoque de Burns (p. 99 a 102), de imediato percebemos as relações entre: História, Economia, Sociologia, Geografia e geografia. Além da Cartografia. A história - é estabelecida com base nos estudos arqueológicos e antropológicos da região. Economia - Através dos levantamentos históricos, retratando o sistema de comércio, indústria e agricultura. Sociologia -

A forma de estruturação, função e organização da sociedade, além da descrição da mesma.

Geografia - São as relações entre a sociedade e os impactos causados por esta na natureza e vice-versa, que ocorriam naquela época. E a geografia - que se expressa na descrição das áreas e na configuração da região em estudo, que é utilizada por todas as ciências envolvidas.

Cartografia - É a ferramenta utilizada para propiciar o mapeamento/configuração da área e suas representações, que todas as ciências envolvidas também a utilizam.

Ao passar dos tempos, multiplicidades de guerras foram travadas, mas para não se adentrar e prolongar com resumos de longa duração histórica de lutas e guerras, vamos realizar um salto

histórico, para 700 A.C., conforme relata o site: http://www2.uol.com.br/sciam/noticias/geneticistas_estimam_data_de_publicacao_da_iliada.html que nos informa: *O texto é a “Ilíada”, de Homero, e seu autor – se existiu – provavelmente escreveu a obra em 762 a.C., com uma margem de erro de 50 anos, descobriram os pesquisadores.*

A “Ilíada” conta a história da Guerra de Troia – se é que a guerra ocorreu – entre gregos e troianos. É mais fácil acreditar em políticos do que em uma história! Muitos pesquisadores acreditavam que Jericó não existia... (J.C.V. Nitsche) Mas voltando ao assunto: Em seu manuscrito (Texto integral da Ilíada, na tradução de Odorico Mendes, revisado e digitalizado por Sálvio Nienkötter, e disponibilizado na web pelo grupo Quatro Contra Tróia iliadadeodorico.wordpress.com - Versão para eBook eBooksBrasil/Exilado (Epub e Kindle), 2009 Homero), em seu prefácio (p.52) o Pe Augusto Magne nos diz:

“A pessoa de Homero está para sempre imersa nas trevas impenetráveis da lenda. Ignoramos quando viveu; não sabemos que terra privilegiada lhe ouviu os primeiros vagidos. Apenas nos conta que várias cidades da Iônia — e outras ainda — disputavam entre si honra tão subida. Uma tradição mais persistente e quiçá menos remota da verdade o dava como natural de Esmirna, onde teria nascido por volta do século IX ou VIII antes de Cristo; dizia mais que, embora natural de Esmirna, exercera a maior parte de sua atividade na ilha próxima de Quios, onde, efetivamente, em tempos históricos, lhe era prestado culto, e que mantinha uma escola de rapsodos chamados Homéridas, ou seja “descendentes de Homero”. Venerandas tradições representavam-no como um velho cantor, pobre e cego que, peregrinando de terra em terra, recompensava a quem o agasalhava com a declamação dos seus poemas. Mas este quadro é pura fantasia a que não corresponde personalidade individual. É apenas a figura idealizada dos rapsodos perambulantes, de que Homero era tido como protótipo. Se da pessoa do poeta nada sabemos, não é menos impenetrável o véu que encobre a composição dos poemas e sua autoria. Com efeito, já entre os antigos havia profundo desacordo no tocante às obras de que Homero teria sido autor; duvidavam se eram dele tanto a Ilíada como a Odisséia, ou apenas um destes dois poemas; e bem assim se lhe pertenciam ou eram de outros poetas as epopéias que integram o chamado ciclo épico — a Tebaida, os Epígonos, os Cantos Cíprios. Tudo isto deu origem a um grave problema, a que se costuma dar o nome de “questão homérica”, problema que deita as suas raízes já na própria antiguidade e que tem por objeto delimitar a produção genuína de Homero. A princípio, além dos Hinos e de poemas menores como o Margites e a Batracomiomaquia, eram, sem discriminação alguma, atribuídos a Homero quase todos os poemas do ciclo épico. Assim, por exemplo, o poeta elegíaco Calino, que viveu no século VII antes de Cristo, dava Homero como autor da Tebaida.

Em sua página 54 e 55 nos é revelado: (...) *Tanto a Ilíada como a Odisséia constam de vinte e quatro livros ou cantos. Esta divisão, conquanto não primitiva, talvez seja anterior aos gramáticos alexandrinos, a que se costuma atribuir. * * * A Ilíada é a epopéia da conquista de Ílio, nome com que, na mais remota antiguidade, era designada a cidade de Tróia. Em poucas linhas, é o seguinte seu trecho.*

Causa da guerra foi, segundo a lenda, o fato de Páris, filho de Príamo, rei de Tróia, haver raptado a jovem Helena, esposa do príncipe grego Menelau. Já corria o décimo ano da guerra, quando se produz violento dissídio, nos arraiais helênicos, entre o jovem chefe tessálico Aquiles e o poderoso rei de Argos, Agamemnon, comandante supremo de todos os Helenos ou Aqueus confederados para conquistar Ílio. Agamemnon rapta a Aquiles a jovem cativa Briseida, que lhe fora dada em prêmio de seu valor e à qual dedicava profundo afeto. Aquiles, dominado da mais violenta indignação, declara que, dora em diante, tanto ele como seus valentes guerreiros Mirmidões não-de desistir da luta, enquanto a mãe dele, a deusa marinha Tétis, consegue de Zeus, supremo regedor dos homens e dos numes, a promessa de que fará pagar caro a afronta feita ao herói.

Com efeito, Agamemnon, enganado por sonho falaz de Zeus, se apronta para desfechar sem Aquiles o ataque decisivo. Antes de tudo, tenta, pouco oportunamente, as disposições do exército, onde, por pouco, alastra a revolta, sofreada graças a Ulisses, que fustiga o insolente e rebelde

Tersites e lembra o oráculo dado por Calcas em Áulis, segundo o qual Tróia devia cair após dez anos de sítio. Abalando os dois exércitos adversos para o campo da luta, Heitor, herói principal dos Troianos, propõe que a sorte da guerra seja decidida mediante um duelo entre seu irmão, o formoso Páris, raptor de Helena, e o rei de Esparta e irmão de Agamemnon, Menelau, que, para reaver a esposa, coligara contra a Ásia todas as forças da Grécia. Neste imponente cenário, aparece o venerando rei de Tróia, Príamo que, ladeado dos filhos Heitor e Páris e da própria Helena, contempla do alto de uma torre o exército grego e cada um de seus chefes, apontados por Helena.

O duelo, no entanto, não leva ao desempate operado porque Páris, no momento de sucumbir, é arrebatado, envolto em nuvem, por sua protetora Afrodite e um frecheiro aliado dos Troianos, Pândaro, fere traiçoeiro a Menelau com uma flecha. Então se desencadeia furiosa batalha (cantos V-VII). Sente-se que os Troianos, culpados de traição, devem levar a pior. Estão para vencer os Aqueus, dentre os quais especialmente Diomedes, amparado por Atena, faz prodígios, chegando mesmo a ferir Afrodite e Ares, protetora de Tróia. Trecho do Livro I (p.59): Canta-me, ó deusa, do Peleio Aquiles A ira tenaz, que, lutuosa aos Gregos, Verdes no Orco lançou mil fortes almas, Corpos de heróis a cães e abutres pasto: Lei foi de Jove, em rixa ao discordarem

O de homens chefe e o Mirmidon divino. Nume há que os malquistasse? O que o Supremo Teve em Latona. Infenso um letal morbo No campo ateia; o povo perecia, Só porque o rei desacatara a Crises. Com ricos dons remir viera a filha Aos alados baixéis, nas mãos o cetro E a do certo Apolo ínfula sacra. Ora e aos irmãos potentes mais se humilha: “Atridas, vós Aqueus de fina greva, Raso o muro Priâmeo, assim regresso Vos dêem feliz do Olimpo os moradores! Peço a minha Criseida, eis seu resgate; Reverentes à prole do Tonante, Ao Longe-vibrador, soltai-me a filha.”

Ao se avaliar este quadro, observamos que toda a guerra é de cunho social e pessoal individual e não são questões geográficas ou que recaia sobre a Geografia. Exceto se nos atribuirmos da denominada “geografia da música”, “geografia da história”, “geografia das Artes” e “geografia da religião”. Sendo todas estas e suas demais que surgirem, nada mais são que: funcionamento, estruturação e descrição da sociedade, relevando-se de fatores e atribuições históricas.

Todo o enredo se justifica devido ao ego do espírito humano. Não são relações comerciais, não possuem conquistas territoriais e não tem respaldo em aspectos geográficos. Logo; não se pode inferir que se trata de pretexto para tomada de cidade por questões estratégicas, econômicas ou de territorialidade. Porque o texto não se refere a isso. Mas a História se utiliza da geografia para mostrar onde as coisas acontecem, qual a origem e a localização final desta disputa. Porque é o único ambiente para se viver, este Planeta o é.

O problema da ciência hoje, não estou me referindo única e exclusivamente das geografias, mas da Ciência em si, é: Inferir ou se utilizar de achismos, além de se utilizar de hipóteses para o caso. Enxertando o objeto de estudo sem que o objeto forneça as categorias. Tentando resolver questões imediatamente, no menor tempo possível, desprezando provas ou evidências que possam contradizer a moda científica do momento. Que no caso das geografias é o espaço como objeto de estudo.

Saindo destas análises, vamos avançar para 400 A.C., idade onde encontramos um grande estrategista conhecido como Sun Tzu e 100 anos após Sun Pin, que ora se referêcia: “A ARTE DA GUERRA”. Edição Completa SUN TZU - SUN PIN. Tradução para o inglês, introdução e comentário de Ralph D. Sawyer Colaboração de Mei-chun Lee Sawyer. Tradução a partir do inglês de Ana Aguiar Cotrim – sem restrições (PDF, 2012, São Paulo), nos informa em sua página 23:

Como já foi mencionado, na época de Sun Tzu, a prática e o escopo da guerra haviam se desenvolvido suficientemente para pôr em risco a existência de praticamente todos os estados, tanto grandes quanto pequenos. Muitos já haviam perecido; inúmeras famílias governantes haviam sido dizimadas e seus povos subjugados; outros sobreviveram, embora enfraquecidos e somente através de habilidosas manobras políticas e submissão servil. Por conseguinte, em meio ao tumulto

do final do período de Primavera e Outono, Sun Tzu percebeu que mobilizar a nação para a guerra, conduzir o exército para a batalha e arriscar a destruição do estado só poderiam ser empreendidos com o máximo de sobriedade.

As palavras com que inicia *A arte da guerra* enfatizam sua importância decisiva: “A guerra é a empresa essencial do estado, a base da vida e da morte, o Caminho para a sobrevivência ou a extinção. Deve ser profundamente ponderada e analisada.” Diferentemente de incidentes históricos em que os reis conduziam as tropas à batalha apenas por divertimento, ou das políticas propostas pelos Legalistas, nas quais as medidas militares são vistas simplesmente como mais um modo de ampliar a riqueza e a prosperidade do estado, Sun Tzu enfatizava que não se deve empreender a guerra senão quando o estado é ameaçado. Além disso, nunca se deve permitir que a precipitação, o medo de ser rotulado como covarde e emoções pessoais, tais como exasperação e ódio, influenciem adversamente o estado e determinem a tomada de decisão. O exército não pode ser simplesmente lançado a um confronto, impulsionado para a guerra ou mobilizado sem necessidade. Ao contrário, caso se veja ameaçado, mas incapaz de organizar uma reação vitoriosa, deve-se exercitar a moderação enquanto se tomam medidas para assegurar que o exército não possa ser derrotado.

Sendo que na mesma página encontramos a visão de Sun Pin: *concluiu que o conflito surgira nas névoas da antiguidade, era inerente à condição humana e permanecia inevitável. Apesar dos enormes esforços, os choques armados continuaram a se intensificar, porque a Virtude, ainda que essencial e fundamental (como sugeriram os confucianos), mostrou-se incapaz de controlar o mal até mesmo no período dos lendários Imperadores Sábios, os incomparáveis paradigmas de perfeição da China.*

Observem, caros leitores, em nenhum momento Sun Tzu menciona a geografia, ou que a guerra deve ser uma questão primariamente geográfica. Seus apontamentos sempre se embasaram nas questões humanas, utilizando-se no campo de batalha da geografia. Mas nunca da Geografia, até este momento presente. E tal característica é evidenciada na obra “Os Sociólogos não descrevem a Terra” (NITSCHÉ, 2016, p. 31) e na página 25 da obra de Sun Tzu e Sun Pin: *Como ele postulou em “Combate militar”*: “Quem não conhece os planos dos senhores feudais não pode fazer alianças previamente. Alguém que não está familiarizado com montanhas e florestas, gargantas e desfiladeiros, com a forma dos charcos e pantanais, não pode fazer avançar o exército.

Quem não lança mão de guias locais não pode obter vantagens do terreno.” Textos militares posteriores, como *Métodos militares*, evidenciam a necessidade de reunir inteligência militar e política, e mesmo de empregar espiões, como essencial para os preparativos anteriores à campanha, mas principalmente como afirmação de um fato ou como simples lembrança, não com a intensidade que se encontra em *A arte da guerra*.

Outro ponto de importância, recai no uso da cartografia, Tzu sempre se utilizou deste artifício, mas não como geografia, mas para implementar ações militares, que se embasava nos mapas para auferir passo/marcha de suas tropas, questão que recai no tempo estimado de chegada ou de saída. Além de saber a localização dos pontos de interesse. Palavras de Tzu:

“O exército vitorioso primeiro realiza as condições para a vitória e só depois procura travar batalha. O exército derrotado luta primeiro e só depois procura a vitória.”

Sun Tzu se preocupa com a topografia, com o clima, com as condições ambientais em geral. Pode-se analisar tal questão na página 31: *O reconhecimento de que a topografia é fundamental para as táticas militares, a classificação dos tipos de terreno e a correlação dos princípios táticos básicos com terrenos específicos são geralmente atribuídos a Sun Tzu. Mesmo que um rápido exame de batalhas anteriores indique que comandantes eficientes viessem implementando táticas baseadas no tipo do terreno muito antes de Sun Tzu entrar para a história e que algumas configurações de terra, como cavidades de escoamento, fossem comumente reconhecidas como fatais para qualquer disposição de forças, Sun Tzu foi talvez o primeiro a estudar sistematicamente essas questões e desenvolver um corpo coerente de princípios operacionais.*

A arte da guerra influenciou, assim, muitos escritos militares posteriores, particularmente *Seis ensinamentos secretos*, que contém vários capítulos propondo táticas adequadas para uma grande variedade de situações.

O primeiro capítulo de *A arte da guerra* identifica o terreno (Terra) como um dos cinco maiores fatores da guerra. Na definição de Sun Tzu, “A Terra encerra terrenos distantes ou próximos, difíceis ou fáceis, extensos ou restritos, fatais ou acessíveis.” (...). Pagina 32: “Nove terrenos” é frequentemente associado a Sun Tzu porque é o título de seu famoso capítulo onde esses nove aparecem: dispersivo, leve, contencioso, atravessável, focal, pesado, capcioso, cercado e fatal. Entretanto, um estudo cuidadoso de *A arte da guerra* revela mais de vinte configurações de terreno distintas, assim como inúmeras formações específicas de terra mortais, como o “Poço do Céu”. São discutidas nos Capítulos 8, 10 e 11, e mais longamente categorizadas no Índice de Táticas. Embora os termos coincidam em alguma medida, as definições e táticas associadas não são em momento algumas contraditórias.

Além disso, os textos permanecem extremamente claros e explícitos mesmo em finais do século XX, exaurindo qualquer necessidade de análises adicionais. Para além das configurações citadas, Sun Tzu mencionou também obstáculos problemáticos como rios, pantanais, montanhas, charcos e planície salinas. Por exemplo, em “*Manobrando o exército*”, ele relacionou quatro disposições com as características da terra que se encontram sob sua definição de “terreno capcioso”: “Onde existem montanhas e florestas, ravinas e desfiladeiros, pantanais e charcos, onde quer que a estrada seja de difícil travessia, configurasse um terreno capcioso.” Os comandantes tinham que moderar suas táticas, manobras e a velocidade de seus movimentos para compensar essas dificuldades e, ao mesmo tempo, procurar explorá-las para sua própria vantagem sempre que possível.

Entendendo o ponto de vista: Nosso caro leitor deve estar se perguntando e analisando: Onde o autor quer chegar? Até agora tudo que se mostrou foi a geografia como suporte às táticas de combate. E esse narrador diz que Tzu não usa a Geografia. Será que ele é cego? Ou não sabe do que está falando? Até o presente momento, a geografia (ferramenta utilizada para a descrição da Terra), topografia (descrição do relevo), além de outras áreas que esse trecho de texto transcrito não abordou, como as condições climáticas (climatologia), o tempo e o espaçamento (distancia), Física, Psicologia, Matemática, Logística e outras, é/são suporte(s) e embasamento(s) das ações.

Tzu vai se utilizar da Geografia (ciência), no momento em que ele relevar aspectos e características relacionais entre a sociedade e a natureza (estudo entre). Isso só ocorre quando se utiliza do conceito “**Poder estratégico**”. Que pode ser evidenciado na página 47:

“Em geral, a estratégia para empregar a força militar é essa: Se há mil carros de ataque puxados por quatro cavalos, mil carros de suporte recobertos com couro, cem mil soldados providos de cotas de malha, se as provisões são transportadas por mil quilômetros, então, as despesas domésticas e externas de campanha, os gastos com conselheiros e convidados, materiais como cola e laca e o suprimento de carros e armaduras totalizarão mil peças de ouro por dia. Só então se pode mobilizar um exército de cem mil.”

(...)

Quem se dedica da arte militar não recruta o povo duas vezes ou transporta por três vezes as provisões. Se obténs teus equipamentos do estado e confias que te apropriarás das provisões do inimigo, então os mantimentos do exército serão suficientes. O exército depaupera o estado quando transporta as provisões por longas distâncias. Quando as provisões são transportadas por longas distâncias, os cem sobrenomes são depauperados. Aqueles que estiverem próximos ao exército venderão seus artigos a preços altos. Quando os artigos forem dispendiosos, a riqueza dos cem sobrenomes será exaurida.” Nesse momento aparece o marxista e diz que: os tentáculos capitalistas são os responsáveis pelos preços altos. Deve-se lembrar que estamos em 400 a.C. na China!

Mas voltando a atenção aos enunciados de Tzu, ao contrário do que foi dito anteriormente: “Tzu vai se utilizar da Geografia (ciência)”. É a Ciência Geografia que vai analisar a relação sociedade natureza que se estabelece nas guerras. Este excepcional estrategista já visualizava estas relações. E por este motivo afirmo que Tzu foi o primeiro geógrafo que desenvolveu positivamente a visão de Strabo. Estabelecendo uma Geografia e não uma somatória de ciências. Tendo em mente, que todas as ramificações, são em si, conjunto de ciências, mas se estabelece em uma particularidade específica.

Tudo o que Tzu mencionou em sua época, ocorre atualmente e são estas relações que os geógrafos deveriam se ater. Não questões econômicas e ambientadas na relação sociedade/sociedade ou social/individual. Mas nas relações que cria, gera, impacta (direta ou indiretamente), tanto no Planeta (planeta habitado), quanto na sociedade humana. E quais as ações e dispositivos que se pode realizar ou fazer para amenizar, resolver ou dar diretrizes ao melhor meio de equilibrar essa equação. Realizando um planejamento ambiental, que possibilite a paz em toda a abrangência global e local.

Mas quando não possível, que se tenha um planejado secundário às questões de sobrevivência, que releve a vitória, a derrota (estudo de probabilidade e previsão) e até mesmo um plano de fuga para à Lua (extermínio total da vida na Terra – artefatos nucleares).

Sendo que Sun Tzu e todos os outros militares estrategistas são em sua essência geógrafos (instintivos). Mas entendam, não é a Geografia que sustenta ou fornece respaldo para a guerra. São as atitudes de um povo, um governante e/ou ações individuais. Na época de Tzu, bem como, nos dias atuais, são conjuntos de ciências utilizadas para desenvolver estratégias. Logo; para se fazer a guerra, basta um ignorante eleito ou imposto ditatorialmente. Porque a Geografia e a geografia, sempre foram utilizadas, como função primordial para se preservar a sobrevivência da vida humana. Isso implica em preservar o Planeta que se habita!

O céu não tem dois sóis, assim como a Ásia não terá dois reis.

(Alexandre Magno)

Ao passar desse tempo; adentraremos em mais uma época de importante feitos estratégicos e de conquistas, tendo como nosso anfitrião Alexandre Magno, conforme o historiador André Luiz nos revelará in:

“A ESTRATÉGIA POLÍTICA NO PRINCIPADO ROMANO DO SÉCULO II D.C.: A COMPARAÇÃO ENTRE ALEXANDRE, O GRANDE, E ADRIANO SEGUNDO A ANÁBASE DE ARRIANO DE NICOMÉDIA”, LEME, A.L., dissertação de mestrado, UFPR - Curitiba, 2011.

Esta pesquisa é importante porque, além de relatar a história, o historiador concretiza a verdadeira face da História como essência da aquisição do conhecimento e do saber, mas que estes, não são estabelecidos em métodos rígidos, mas na busca do saber, conforme se evidencia em sua página 12:

(...)

lógico e racional. Em outras palavras, acreditamos na produção de um conhecimento que se quer cientificamente elaborado – perspectiva que vem de acordo com o que apontou Júlio Aróstegui em sua obra *A Pesquisa Histórica*, conforme demonstramos:

A historiografia não seria uma ciência mas sim estudo *cientificamente elaborado*. Como isso é possível? Primeiramente, porque o trabalho profissional do historiador não é um conjunto de atividades arbitrárias, meramente empíricas, subjetivas e ficcionais, mas diz respeito, principalmente, a atividades que tendem a estabelecer conjeturas sujeitas a regras ou princípios reguladores, a um *método*. Quer dizer, é visível que o trabalho do historiador adquire o rigor metodológico dos procedimentos da ciência. E, em segundo lugar, porque o historiador trata de buscar, para os processos históricos de qualquer nível, *explicações* demonstráveis, intersubjetivas, contextualizáveis, como as da ciência, e que, conseqüentemente, pretende chegar a elas mediante procedimentos lógicos conhecidos, explícitos e comprovados¹.

Portanto, enquanto historiadores, devemos trabalhar no sentido de que nossas contribuições não se tornem inteligíveis apenas dentro de uma subjetividade específica, mas que ganhem dimensão ao apresentarem coerência frente à compreensão de todos.

Tal esclarecimento é importante, porque o geógrafo recorre à história, mas não como suporte aos seus enunciados, transformando assim, a Geografia em História.

Regressando aos anos de Alexandre (+356 -323) a.C, seu mais importante feito foi a conquista da Pérsia. Porém; Alexandre se viu diante de muitas batalhas, sendo que em sua página 80 a 83, discursa: “*Acerca de nosso objeto específico de investigação, buscamos na fonte as características que demonstravam Alexandre como um homem merecedor de sua posição, ou seja, aquilo que o tornava um legítimo governante.*”

De nosso estudo da fonte, agrupamos os trechos que foram analisados em torno de três tópicos gerais: Obstáculos naturais – compreender para vencer; Os diálogos de Alexandre e Parmênio; e Entre discursos e debates: para ser rei, é preciso ser o melhor.

(...) Ao longo de sua expedição, Alexandre enfrentou inúmeras adversidades, entre as quais observamos também obstáculos que a própria natureza proporcionava ao avanço da marcha macedônia. A seguir, demonstraremos uma série de momentos diferentes que exigiram, por parte de Alexandre, um pensamento rápido e inteligente, visando sempre a superação de uma determinada dificuldade condicionada pela natureza – seja ela durante uma batalha nas montanhas, na travessia de um rio, em um cerco ou mesmo como parte de uma reflexão geográfica. Acreditamos que, mesmo durante tais eventos, Arriano já indique perspectivas reveladoras acerca das características necessárias a um bom governante.

(...) “ Toda essa versatilidade do comandante macedônio teve como conseqüência o sucesso de sua empreitada, pois, como Arriano assinalou, tudo ocorreu como ele, Alexandre, havia suposto que ocorreria – não havendo surpresas imprevisíveis para ele. Mas ainda notamos outro aspecto interessante ao final dessa passagem, uma espécie de lição moral: aqueles que obedeceram ao rei macedônio, seguindo, como nas palavras de Arriano acima, totalmente os seus conselhos, conseguiram avançar de modo seguro; quanto aos demais, que provavelmente não seguiram à risca o plano principal e tiveram de se utilizar do “plano B”, estes já sofreram alguns pequenos danos. Através dessa interessante contraposição que acabamos de salientar fica também implícita a lição da obediência, a qual não poderia faltar e que só poderia prejudicar aqueles que não a praticassem e seguissem rigorosamente – especialmente em relação a um líder que aparentemente se demonstrava tão apto para enfrentar tais situações.

(...) Durante sua perseguição aos povos rebeldes da região da Trácia, Alexandre teve de enfrentar uma inusitada situação: perseguir bárbaros, trácios e ilírios, que haviam se refugiado em uma ilha dentro do rio Istro buscando proteção. Ainda que alguns poucos barcos tenham vindo, partindo de Bizâncio, para ajudar Alexandre na chegada até a ilha, a situação demonstrou-se muito mais complexa, como Arriano ressaltou:

La mayor parte de la isla era muy escarpada para intentar un desembarco, y la corriente del río en exceso impetuosa (y ello era natural, ya que en ese punto el cauce del río se estrangula y se hace mucho más estrecho). A la vista de ello, Alejandro decidió retirar las naves, cruzar al otro lado del Istro, y marchar contra los getas que por allí habitaban (podía verlos en gran número sobre la otra orilla, y calculó que serían unos cuatro mil jinetes y más de diez mil infantes).

Os aspectos naturais da região tornavam o desembarque uma tarefa inviável na perspectiva do autor, o qual reitera, a partir de uma observação própria, o estreitamento natural que o rio apresentava naquele lugar. Alexandre, consciente dessas adversidades e do perigo real que elas representavam, decidiu então cruzar o rio Istro e enfrentar outro povo bárbaro que habitava a região, os chamados getas.

No entanto, antes calcula a dificuldade da tarefa pela quantidade de inimigos que ele mesmo observara na margem oposta do rio. No seguimento, Alexandre estabeleceu um procedimento para enfrentar a situação, apresentado por Arriano da seguinte forma:

El plan de Alejandro era dispersarlos para poder atravesar el río, empresa por la que sentía vivo interés, y para la cual él mismo se había embarcado en una de sus naves. Para llevar a cabo su plan, realizó la siguiente operación: llenó de paja las tiendas de cuero con las que solía construir el campamento, y reunió todas las canoas hechas de un solo tronco de árbol que solían utilizar los ribereños (y de las que había conseguido un buen número, ya que los indígenas las emplean para la pesca, para hacer expediciones río arriba, y porque muchos se dedican con ellas a la piratería); reuniendo, pues de éstas el mayor número que pudo, comenzó así con ellas la travesía de su ejército. Consiguió de esta forma que pasaran a la otra orilla mil quinientos jinetes y unos cuatro mil infantes.

Quando se analisa tais atitudes e deliberações, concluímos que são os mesmos elementos empregados e ensinados por Sun Tzu. Não é à toa que Alexandre o Grande nunca foi derrotado em campo de batalha. Porém, há duas hipóteses para a sua morte, embasando-me, não apenas nessa bibliografia mencionada, mas na leitura de outras obras e teses, que nos revelam: Um grupo de historiadores e pesquisadores (arqueólogos e antropólogos) defendem que Magno foi envenenado. Do outro lado, evidenciam que Alexandre contraiu “Tifo”. Mas todos (em sua maioria) concordam que morreu aos 33 anos.

Quando se atinge o Caminho da Estratégia não haverá mais nada que não se possa compreender e se verá o Caminho em tudo. (Musashi)

Em nosso equipamento do tempo, vamos viajar ao Japão e conhecer Miyamoto Mu-sashi, que conforme os historiadores japoneses, nasceu em 1584, na província de Mimazaka, sendo que no livro “GORIN NO SHO 1a. edição: outubro de 1992, CULTURA EDITORES ASSOCIADOS, (Notas 1985, Watanabe Ichiro Publicadas mediante contrato com Iwanami Shoten, Publishers, Tokyo, Japan) é mencionado que seu nascimento foi na província de Harima. Deve-se mencionar que Harima era o clã ao qual pertencia sua descendência e deixa este mundo em 1645. Musashi era comumente chamado de Niten, cujo significado é Dois Céus. Isso o inspira a construir seu Do Jo que emprega sua própria técnica Niten-Ichi-ryū, que se utiliza duas espadas simultaneamente no combate. Tal recurso empregado caracteriza o Do Jo como Nitō. Embasando-se na bibliografia consultada: 1. “Gorin no Sho” 1a. edição (Notas 1985, Watanabe Ichiro Publicadas mediante contrato com Iwanami Shoten, Publishers, Tokyo, Japan): Cultura Editores Associados (1992). 2. “O Livro dos Cinco Anéis” 9ª ed. Editora Madras, 2014 São Paulo. 3. “O Livro dos Cinco Anéis” 1ª ed. Editora Novo Século, 2017 São Paulo. Além de outros estudos, percebemos que há muita contradição aos fatos e relatos históricos deste rōnin.

Como a abordagem deste manuscrito não é de cunho histórico pessoal, mas um relato das campanhas militares e as estratégias empregadas pelos renomados estrategistas, analisaremos as táticas de combate deste japonês, inserindo suas características mais importantes, tais como, alguns de seus princípios (que os historiadores, de uma forma ou outra, concordam):

- 1- “Se você deseja controlar os outros, primeiro você deve controlar a si mesmo”
- 2- “Se você não controla o oponente, ele controla você”
- 3- “Você só pode lutar da maneira que você pratica” (o caminho está no treino)
- 4- “Você deve entender que há mais de um caminho para o topo da montanha”
- 5- “Não persiga o sabor da boa comida”
- 6- “Entenda todas as artes, para compreender todas as técnicas e assim, defender-se e saber atacar”
- 7- “Perceba todas as coisas ocultas e preste atenção ao engodo”
- 8- “Não faça nada que não tenha qualquer utilidade, ou que desperdice energia”
- 9- “Atenha-se as ninharias”
- 10- “Tenha consciência das suas próprias fraquezas”

Como se pode observar, os tratados estratégicos deste renomado rônin, assemelham-se às análises de Tzu, até mesmo em sua forma estrutural contextual. Porém, suas estratégias são firmadas em ações pessoais/individuais. Estabelecidas em combate corpo a corpo, mas que podem ser utilizadas nas batalhas de massivos grupos.

Todos os grandes estrategistas se preocupam em obter uma visão global de tudo que os cercam, utilizando-se de todos os meios para solucionar um problema estratégico. E assim como para: Sun Tzu e Sun Pin, Alexandre o Grande, Miyamoto Mu-sashi, a geografia também é empregada com visão global.

A ciência da guerra é multidisciplinar, tendo esta visão holística e/ou visão global dos fenômenos e necessita de planejamento ambiental natural, bem como socioambiental. Por este motivo, todo o estrategista é um geógrafo, mesmo que não tenha tal formação. Sem a observação global, suas ações estarão fadas ao fracasso. Logo; Geografia não possui visão horizontal, como muitos profissionais afirmam.

Mas a guerra não é Geografia atuando...são praticamente todas as ciências! Logo; não deve existir a geografia da guerra, bem como a geografia da matemática, da indústria e todas as demais. Para o estudo da guerra e demais fenômenos não correlacionado às guerras, sejam eles globais ou locais, na Geografia, deve-se objetivar as relações sociedade e a natureza e vice-versa. Os impactos causados e como evitá-los ou pelo menos mitigá-los.

O trabalho da Geografia, é se utilizar da ferramenta geografia para encontrar as categorias de estudo referentes a estes conjuntos de fenômenos que caracterizarão esta relação (impactos sociais e naturais) para que se possa mitigar ou sanar o problema. Ou criar e desenvolver algo em um local específico, sem causar maiores danos ao Planeta e a Sociedade, tendo que prever eventos naturais e sociais (conjuntamente) que possam desequilibrar as condições ambientais propícias e/ou estabelecidas. O estudo da guerra e estratégias militares devem ser exclusivamente de cunho das entidades e instituições que formam as Forças Armadas (Exército, Marinha, Aeronáutica e forças auxiliares). Excluindo, desta forma, a denominada “geografia da guerra”, conforme se atribui em pesquisas, tendo como exemplo a tese:

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA HUMANA

**A GEOGRAFIA MILITAR NO BRASIL: A QUESTÃO DA
DEFESA NACIONAL**

FILIPPE GIUSEPPE DAL BO RIBEIRO

Tese de doutoramento apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutor em Geografia Humana.

Orientador: Professor Doutor André Roberto Martin

São Paulo
2015

Os geógrafos, embasado nas formulações de Ratzel e La Blache, conseguem desenvolver conceitos que não se adéquam ao contexto e formulação de Strabo, como, por exemplo: “Descrição da Terra Militar no Brasil: Questão da Defesa Nacional”. Que em sua página 7 nos diz:

I- Apresentação

A Geografia Militar era uma das especialidades práticas da Geografia, juntamente com a Geografia Médica e a Geografia Comercial, até o surgimento do revolucionário “determinismo” de Friedrich Ratzel. Com sua Geografia Política (1898), ele ampliou de tal modo o escopo da Geografia Militar que esta se viu reduzida a mera técnica, no entanto, de emprego universal. Os temas estratégicos, embora pouco frequentes na pesquisa geográfica brasileira, ultimamente, são cada vez mais comuns em outras áreas do conhecimento, notadamente entre economistas, administradores e cientistas políticos.

Em uma primeira pesquisa (dissertação de mestrado) intitulada “A Nova Geografia Militar: Logística, Estratégia e Inteligência”, orientada pelo Professor Livre Docente Dr. André R. Martin, e defendida no Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas no primeiro semestre de 2010, foi organizado um levantamento bibliográfico sobre o tema até então inédito na geografia acadêmica brasileira. O trabalho foi apoiado no resgate da experiência esquecida da geografia militar estadunidense, que, segundo COLLINS (1998), somente começou a ser discutida no 92º encontro anual da Associação de Geógrafos Americanos, em 1996, após grande discussão para então se criar um grupo de estudo especialmente tratando do assunto.

O presente trabalho visa resgatar a experiência esquecida da geografia militar no Brasil, no que ela contribuiu para a formação territorial do país e para o patrimônio cultural da nação. Por outro lado, pretende-se interrogar, também, até que ponto as necessidades “modernas” de defesa, que incluem inescapavelmente a constituição de um parque industrial bélico, acomodaram-se ou opuseram-se àquela herança logística que vinha se constituindo desde a Colônia e o Império. Nesse sentido, esta tese de doutoramento configura-se como uma pesquisa de Geopolítica com ênfase na sua aplicação prática em termos de políticas territoriais.

As geografias mencionadas, nada mais são que: Sociologia se utilizando de mapas e cartas, enfim, material cartográfico, para expor fenômenos sociais e históricos militares. Toda a guerra se utiliza da geografia (descrição da Terra), mas para os tratados militares antigos, esta descrição recai somente na descrição dos aspectos físicos do Planeta habitado. Relevando aspectos sociais fora do contexto geográfico, mas untando estes aspectos, propiciando assim, uma visão da guerra e do campo de batalha.

Como mencionado anteriormente, todo o militar estrategista é em sua essência um geógrafo.

A Ciência que se encarrega de todos os atributos que recaem e são de responsabilidade de planejamento, estruturação e execução de ações militares e conseqüentemente da defesa nacional em todos os seus aspectos, parâmetros e abrangência, é denominada de: Militar (Ciência Militar). Porém; esta denominação ainda é muito restritiva, ao que se refere a totalidade ou globalidade dos enfoques e funções a que se destina. Sendo mais apropriado uma designação mais ampla e mais concisa, como: Ciência da Defesa Nacional. Mas não existirá “Geografia da Defesa Nacional” (descrição da Terra da defesa nacional)! A Geografia (ciência) sempre será o estudo das relações sociedade/natureza, inclusive dentro dos estudos dirigidos à defesa de uma nação. Entendendo que defesa, não significa não atacar. Tudo depende da política de defesa nacional de um determinado país.

É impossível realizar um planejamento de Defesa Nacional sem o uso da ferramenta geografia, que atualmente se utiliza de satélites espiões, drones e de outras avançadas tecnologias para captar imagens e formular mapas, cartas e esboços estratégicos (cartografia/geoprocessamento). Tanto para o uso de disponibilizar as tropas militares, bem como, formular uma rota e procedimentos de evacuação (de civis, militares ou ambos) de uma localidade específica e/ou regional. Além dos processos que envolvem a integração nacional e o amplo desenvolvimento de um determinado país em todos os sentidos a que se refere.

Com esta visão em mente, pode-se sugestivamente projetar a estrutura da grande área científica denominada de Ciência da Defesa Nacional:

Com esta visão em mente, pode-se sugestivamente projetar a estrutura da grande área científica denominada de Ciência da Defesa Nacional:



Tal esquema, propicia diretrizes mais aperfeiçoadas e um amplo campo de atuação de todos os setores responsáveis pelo desenvolvimento e a manutenção da soberania nacional. Atualmente, o responsável pela disposição e implementação de tais estudos no Brasil, é o Exército Brasileiro (E.B.), que dispõe em seu boletim http://www.decex.eb.mil.br/port_/leg_ensino/2_educacao_eb-decex/29_port_734_CmtEB_19Ago2010_ConcCienciasMil.pdf :

PORTARIA Nº 734, DE 19 DE AGOSTO DE 2010. Conceitua Ciências Militares, estabelece a sua finalidade e delimita o escopo de seu estudo. O **COMANDANTE DO EXÉRCITO**, no uso da competência que lhe é conferida pelo art. 30, inciso VI, da Estrutura Regimental do Ministério da Defesa, aprovada pelo Decreto nº 3.466, de 17 de maio de 2000, considerando o disposto no art. 13, da Lei nº 9.786, de 8 de fevereiro de 1999 – Lei do Ensino no Exército e de acordo com o que propõe o Estado-Maior do Exército (EME), ouvidos o Departamento de Educação e Cultura do Exército (DECEx) e o Departamento de Ciência e Tecnologia (DCT), resolve:

Art. 1º Conceituar o termo Ciências Militares como sendo o sistema de conhecimentos relativos à arte bélica, obtido mediante pesquisa científica, práticas na esfera militar, experiência e observação dos fenômenos das guerras e dos conflitos, valendo-se da metodologia própria do ensino superior militar.

Art. 2º Considerar o sistema Ciências Militares integrado à Grande Área do Conhecimento da Defesa e incluído no rol das ciências estudadas no Brasil, resguardados os aspectos bélicos exclusivos das Forças Armadas, conforme homologação do Ministro da Educação, publicada no Diário Oficial da União nº 058, de 26 de março de 2002.

Art. 3º Estabelecer que a pesquisa e o estudo das Ciências Militares no Exército Brasileiro tenha por finalidades a formulação da Doutrina Militar Terrestre, o avanço do conhecimento em Defesa e a preparação de líderes militares, de pesquisadores, de planejadores e de gestores dos recursos colocados à disposição da Instituição para o cumprimento de sua missão constitucional, em tempo de paz e de guerra.

Art. 4º Determinar que as seguintes áreas de concentração de estudos sejam abrangidas pelas Ciências Militares:

- I – Administração;
- II - Auditoria;
- III – Balística;
- IV - Cibernética;
- V - Ciências Contábeis;
- VI - Ciência e Tecnologia;
- VII - Comunicação Social;
- VIII - Cultura;
- IX - Defesa Nacional;
- X - Direito;
- XI - Doutrina;
- XII - Economia e Finanças;
- XIII - Educação;
- XIV - Educação Física;
- XV - Engenharia e Construção;
- XVI - Estatística;
- XVII - Estratégia;
- XVIII - Geopolítica;
- XIX - História Militar;
- XX - Informática;
- XXI - Instrução Militar;
- XXII – Inteligência;
- XXIII - Gestão;
- XXIV - Liderança;
- XXV - Logística;
- XXVI - Meio Ambiente;
- XXVII – Mobilização;
- XXVIII - Operações Militares;
- XXIX - Política;
- XXX - Projetos;
- XXXI - Prospectiva;
- XXXII - Recursos Humanos;
- XXXIII - Relações Internacionais;
- XXXIV - Saúde;
- XXXV - Simulação; e
- XXXVI - Sociologia.

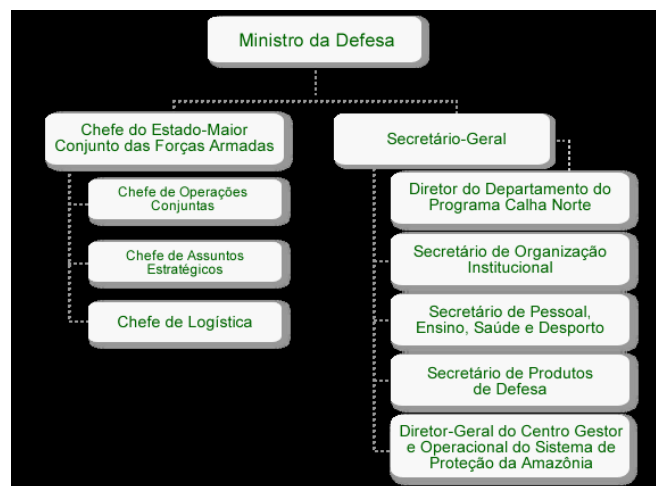
Art. 5º Determinar que o EME, DECEEx, o DCT e as diretorias subordinadas adotem, em suas áreas de competência, as providências decorrentes.

Art. 6º Determinar que esta Portaria entre em vigor na data de sua publicação.

Art. 7º Revogar a Portaria do Comandante do Exército nº 517, de 26 de setembro de 2000. Boletim do Exército nº 34, de 27 de agosto de 2010.

Estas propostas, anteriormente mostradas, referem-se exclusivamente a compartimentação de estudos dirigidos. Pois; a estruturação de Defesa Nacional (Br) se estabelece conforme nos informa o site: <http://www.defesa.gov.br/institucional/ii-estrutura-organizacional> que nos mostra:

O arranjo institucional que possibilitou a criação, em junho de 1999, do Ministério da Defesa (MD) marcou uma etapa importante no processo de integração das Forças Armadas: **Marinha, Exército e Aeronáutica**. O atual modelo organizacional do MD reflete essa orientação, ao colocar as três Forças a serviço de uma única política, em um ambiente de coordenação e integração de meios e esforços. Hoje, Marinha, Exército e Aeronáutica são comandos militares subordinados ao poder político civil. Além deles, cinco grandes segmentos estão contemplados na estrutura do Ministério da Defesa:



Observem, caros(as) leitores(as), não existe geografia e muito menos Geografia no Artigo 4º. Mas há estratégia, que, com certeza se utilizará de mapas nas questões físicas (estratégia que envolve o conhecimento de e do terreno).

Integram ainda a estrutura do MD: **Escola Superior de Guerra (ESG)** – Na qualidade de órgão subordinado, a ESG atua como centro de excelência em estudos de alto nível sobre defesa nacional. Localiza-se na cidade do Rio de Janeiro (RJ); **Hospital das Forças Armadas (HFA)** – Criado pelo Decreto nº 1.310, de 8 de agosto de 1962, com regimento interno aprovado pela **Portaria Normativa nº 1.037**, de 17 de abril de 2012, o HFA tem sede em Brasília e integra a estrutura da Secretaria de Pessoal, Ensino, Saúde e Desporto (Sepesd) do MD; O detalhamento da estrutura organizacional do Ministério da Defesa, bem como a competência dos órgãos que o integram, encontra-se no **Decreto nº 7.974**, de 1º de abril de 2013, complementado pelo **Decreto nº 7.424**, de 5 de janeiro de 2011, e pelo **Decreto nº 7.476**, de 10 de maio de 2011. Já as estruturas regimentais dos comandos militares foram publicadas pelos seguintes diplomas legais: **Decreto nº 5.417**, de 13 de abril de 2005, que aprova a estrutura regimental do Comando da Marinha; **Decreto nº 5.751**, de 12 de abril de 2006, que aprova a estrutura regimental do Comando do Exército; **Decreto nº 6.834**, de 30 de abril de 2009, que aprova a estrutura regimental do Comando da Aeronáutica.

E se complementa com o organograma: <http://www.defesa.gov.br/arquivos/estrutura/organograma.pdf>

Esta denominada de geografia humana, tendo a seguinte formulação: História + Sociologia + Cartografia = Geografia Humana ou La Blache.

LIRA, Larissa Alves de. Em sua pesquisa “A lição de abertura do curso de história e geografia da Faculdade de Nancy, de Paul Vidal de la Blache: reflexões de um historiador recém-tornado geógrafo.” *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.20, supl., nov. 2013, p.1377-1391. Nos diz em sua página 1378:

Apresenta-se aqui um texto do francês Paul Vidal de la Blache (1845-1918), de grande importância, tanto por seu valor documental quanto pela precoce e profunda reflexão teórica em que mergulha. Fruto da aula inaugural do autor na Faculdade de Nancy, proferida em 1873 – quase trinta anos antes do célebre Tableau de la géographie de la France – o artigo diz muito sobre a trajetória pessoal do historiador recém-tornado geógrafo. Por extensão, elucida fatores relevantes que participaram da transição por que passava a geografia em finais do século XIX, que a levava não só a uma consolidação institucional como a compor seu espectro teórico dominante. A aliança com uma ciência vizinha, a história – esta já bem posicionada nos quadros universitários – ajudou a tecer as redes político-institucionais em jogo, como também a tradição teórica que fora necessário incorporar e em seguida transformar. A íntima relação entre os jogos institucionais e a epistemologia verifica-se no caso em questão como nos ensina a história social da ciência. Depois de se tornar doutor e após rápida passagem pela École supérieure des lettres et sciences d’Angers, Vidal apresenta ao ministro da instrução pública Jules Simon sua candidatura à cadeira de geografia e história de Nancy, recentemente criada. Sua opção de lecionar em Nancy estava relacionada a questões estratégicas e mobilizou esforços de personalidades como Armand Dumesnil e Adolphe [?] Mourier (os nomes mais importantes da direção do ensino superior na França de então) a fim de convencer o ministro de suas qualidades para ocupar o cargo. O interesse de Vidal não é fortuito. Condições excepcionais rodeavam Nancy. Desde 4 de julho de 1870, a cidade se situava quase na fronteira com a Alemanha¹, recebendo exilados das antigas Alsácia e Lorena, sob dominação prussiana. O próprio reitor estava empenhado em transformar a universidade em trincheira dos interesses nacionais franceses (Sanguin, 1993, p.106). A autora descreve, ainda, que a geografia foi utilizada pelos prussianos para se fazer a guerra. E os franceses não poderiam ficar atrás. Mas na verdade, não é a Geografia, mas sim, do processo de territorialização, servindo este, de respaldo constituinte da construção territorial (território) do povo prussiano. Utilizaram várias estratégias que envolviam o uso da geografia (descrição da Terra). E os franceses, entenderam que a “Geografia francesa” não poderia se esquivar de tal feito, realizando uma campanha social, embasada em aspectos geográficos, conhecido como unidade das paisagens regionais. Que, na visão dos “geógrafos sociais” franceses, seria a maneira mais eficiente de dominar o povo. E implantar o nacionalismo patriótico nas novas gerações. Mas vamos ver o que de fato esta pesquisadora nos mostra:

LIRA (cont.), *Nessa empreitada, a geografia ocupa papel de destaque: ‘usada para fazer a guerra’ pelos prussianos, cujos soldados apresentavam elevada consciência nacional; cabia, então, à ciência geográfica francesa desenvolver característica semelhante, construindo a unidade das paisagens regionais, num verdadeiro instrumento de educação cívica, além de preparar combatentes com espírito nacional e conhecimento do terreno. O esforço do jovem professor e dos aliados foi o de convencer o ministro de que o historiador poderia ser também um geógrafo à altura das exigências de uma ciência moderna. A transformação de uma geografia histórica clássica em uma disciplina ligada aos interesses nacionais foi demonstrada por Andrews (1986, p.178) como parte da consciência de políticos e reformadores da época, atravessando as discussões da Commission de l’enseignement de la géographie (Comissão de ensino da geografia), ligada ao governo francês. Estudos em história da ciência demonstram como se constituíam círculos de afinidades, grupos e intelectuais candidatos a postos acadêmicos na institucionalização da geografia (Berdoulay, 2008, 141-181). Antes da emergência dos vidalianos, o mais prestigioso, e o único que ocupava as poucas cadeiras universitárias, era certamente o círculo dos historiadores, que produzia geografia histórica num estilo erudito, preocupado em reconstituir os lugares e paisagens dos textos antigos. Vidal de la Blache, ainda que tocado pelas ideias de Alexander von Humboldt e Carl Ritter², pelas viagens de campo que lhe despertaram o gosto pelo terreno (Roma, Oriente Médio, Egito, Argélia e Tunísia), era um historiador de formação – e a necessidade de demonstrar competência nesse antigo estilo fazia parte da tarefa prática que lhe era colocada pelo respeitado círculo dos historiadores-geógrafos. No texto ora divulgado, entretanto, evidenciou-se que a herança dos historiadores, sem ser rejeitada, já se demonstra profundamente transformada. Se as mediações políticas podem servir como filtros às possibilidades epistemológicas, as novas injunções teóricas podem ser profundamente ricas. Para Vidal, já não se tratava de esboçar a geografia da Europa clássica e suas toponímias. Nessa aula inaugural, fica evidente a íntima relação que a geografia mantém e deve manter com a história. Seu objetivo é demonstrar como as causas geográficas contribuem para definir e dar sentido à história. Vidal busca arrolar os fatores geográficos que concorreram para a construção da superioridade europeia. Essa afirmação de superioridade não estaria relacionada com o fenômeno da colonização? Um problema profundamente atual para sua época, portanto.*

Todas as ciências devem se ater a História e se utilizar dos levantamentos históricos. Não apenas para se conhecer sua origem e/ou fenômenos, mas para estabelecer estratégias evolutivas positivas ao que se refere à própria Ciência, à sociedade em geral e à defesa nacional.

Para não recorrer nas abordagens infrutíferas e/ou erros. Além de relevar importantes aspectos culturais ao se implementar uma delimitação territorial e/ou requisitar à força uma porcentagem de uma área do planeta habitado. Ao se objetivar as questões de mediações políticas e econômicas nacionalistas, associadas ao processo de construção territorial, não estamos desenvolvendo a Ciência Geografia, mas construindo uma nova Ciência que não pertence a ramificação geocientífica, se estabelecendo na área sociológica, recebendo desta forma, um adequado epistemônimo – Sociografia.

Embrenhando-se neste novo mundo, que ele mesmo construiu e se atribuindo o título de geógrafo historiador, cometeu o primordial erro de estudar o lugar/ambiente sem a presença humana.

Tal característica nos leva a máxima: “A geografia é o estudo dos lugares”. Que vai contra a sua própria formulação desta ramificação, que foi estabelecida/inspiradas graças ao processo inicial constituinte da construção territorial.

Este que vos escreve, entende que a formulação de territórios é uma questão social e não geográfica. Porque, primeiramente que: território não existe na natureza. São linhas imaginárias estabelecidas por acordos, imposições e ações sociais humanas. Sendo assim, estas linhas podem ser representadas no mapa com linhas retas ou acompanhando feições naturais do relevo. Porque muitos alunos são repreendidos ao realizarem delimitações retas em mapas e cartas. Desde que estas sigam as coordenadas de limites, tanto faz se são sinuosas ou retilíneas. Porque não existe isso na natureza!

E as delimitações dos Estados que compõem os Estados Unidos da América (E.U.A.) são os melhores exemplos. Como nos mostra o site: <http://arquivosreporter.blogspot.com.br/2016/03/ardiariolimites-logicos.html>



Neste exato momento temos que nos indagar: Mas erro para quem La Blache cometeu? Qual foi de fato este equívoco? Sua formação de historiador não permite possuir uma visão estabelecida nas análises de campo e nas experiências adquiridas por Strabo. La Blache se espelha em Ratzel. Conforme LIRA (2012, p.42 e 43), in:

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de Geografia
Programa de Pós Graduação em Geografia Humana

O primeiro esboço do método geográfico de Vidal de la Blache a partir dos estudos do Mediterrâneo. Permanências e rupturas no contexto da institucionalização da geografia (1872-1918)

Larissa Alves de Lira
Orientador: Manoel Fernandes de Sousa Neto

São Paulo, 2012

O próprio Vidal desvela o caráter das contribuições que toma da história. Após ressaltar a riqueza das ideias de Ratzel para o estudo da geografia política e da formação dos Estados, ele censura as fórmulas demasiado sistemáticas cujo “espírito pode mostrar alguma hesitação diante de proposições que parecem afetar uma forma dogmática pouco ligada à relatividade dos fenômenos.” (VIDAL DE LA BLACHE, 1898, p. 99)²⁶.

Esta “relatividade dos fenômenos” faz parte do espírito de contingência²⁷. Segundo Berdoulay, essa filosofia preconizava que cada fenômeno humano e natural era resultado de uma combinação de causas muito diversas, não podendo, pois, se reproduzir no tempo e no espaço. *Esse conjunto de princípios foi notavelmente incorporado pelos historiadores* (BERDOULAY, 2008, pp. 208-209). À medida que o homem emancipa-se do meio, as causas de várias determinações se tornam mais complexas, inclusive as geográficas. Sem abandonar a lição de seus mestres (e, lembremos, sem cair nas fórmulas demasiado rígidas de naturalistas como Ratzel), La Blache modera ambas as posições:

os historiadores [que] se preocuparam em enfatizar as influências geográficas obedeceram sobretudo à ideia de que essas influências, fortes ou mesmo predominantes no início, em seguida se enfraquecem, ao ponto de se tornarem, para muitos deles, insignificantes. Esse não é o ponto de vista do geógrafo. Seguramente, a emancipação por meio da qual o homem se libera, pouco a pouco, do jugo das condições locais, é uma das lições mais instrutivas que nos oferece a história. Mas, civilizado ou selvagem, ativo ou passivo, ou melhor, sempre ao mesmo tempo um e outro, o homem não deixa de ser, em seus diversos estados, parte integrante da fisionomia geográfica do globo.] (LA BLACHE, 1898, p. 99)²⁸.

LIRA (seg. p.44):

É forçoso Vidal se destacar entre todos os grupos, como historiador que era e como geógrafo que poderia ser. Estava em seu alcance uma ruptura “ideal” entre a nova geografia e antiga geografia histórica? Tanto do ponto de vista da coerência interna como das tarefas políticas, as vicissitudes de ruptura e permanência parecem mais tênues no despertar da institucionalização da geografia.

Ao se espelhar em Ratzel, suas observações o direcionam a concluir que o homem é produto de seu ambiente. Desenvolvendo o ideológico possibilismo. Sendo que: após o sujeito - Vidal La Blache, inserir categorias de análises históricas, sociais e políticas no objeto Geografia, desenvolve-se um socialismo dentro de uma ciência estabelecida e forjada na essência geocientífica. Em sua página 66, de LIRA transcreve uma observação de Milton Santos:

Um eminente geógrafo brasileiro, conhecedor da geografia francesa, vai exclamar em 1977: “pode-se dizer que a geografia se interessou mais pela forma das coisas do que pela sua formação” (SANTOS, 1977, p. 81). E, apesar de algumas bravatas, o gênio de Lacoste aparecerá mais uma vez ao perceber que Vidal de la Blache introduziu a ideia de descrições regionais aprofundadas mostrando as interações ao longo da história do homem e natureza na formação das paisagens (LACOSTE, s/d).

Quanto à circulação, os mesmos olvidamentos. Camille Vallaux trata o princípio da unidade da terra estritamente do ponto de vista da comparação causal de fenômenos distantes (VALLAUX, 1929, p.30) e De Martonne não o erege na condição de princípio da Geografia (DE MARTONNE, 1953). Lucien Febvre é sempre enfático:

Nessas rotas [econômicas, políticas e religiosas] não é, portanto, a geografia, mas sim a política e a história que se 'exprimem directamente'; está-se perante verdadeiras armaduras forjadas na matéria mais resistente possível, por homens preocupados em manter e conservar agrupados os elementos constitutivos de uma formação nacional. (FEBVRE, 1954, p.697).

Tendo as palavras de FEBVRE, como base, pode-se afirmar que:

La Blache foi o precursor da ramificação científica – Sociografia, que não deveria pertencer à Geografia e não pertence a esta Geociência. Sua localização na estruturação científica se estabelece nas coordenadas territoriais da Sociologia.

Que fique muito mal explicado. Não faço força para ser entendido. Quem faz sentido é soldado.

(Mário Quintana)

LUGAR...

Pode-se dizer que temos artefatos nucleares capazes de encerrar uma guerra em poucos, não necessitando de soldados. Porque basta uma bomba para aniquilar o lugar de confronto.

Não há como resolver isso, desta forma...nos dias atuais.

Quando a verdadeira guerra se mostrar, não teremos mais componentes explosivos para montar. Porque não haverá mais material para fazê-los.

Não haverá, em lugar algum, água que se possa tomar.

Existirá apenas um lugar;

Sem lar;

Sem sonhos;

Sem ar;

Apenas um lugar...



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lugares, não lugares, lugar algum...Ser ou não ser. Eis a questão!

Os humanistas têm profundo apelo a esta, como se suas vidas dependesse desta definição ou conceituação.

Algum cidadão no mundo pode estar esperando o reflexo desta conceituação ou definição na sua vida. Talvez isso melhore sua favela, trazendo água para sua casa. Ou quem sabe, resolvendo o problema do emprego que há muito não consegue.

Sabe-se lá se este conceito seja o instrumento para realizar uma estratégia (pois; Geografia é a ciência da estratégia) ao desenvolvimento de um plano de manejo social para a contenção da pandemia do vírus COVID19, possibilitando um equilíbrio entre a economia e a saúde.

Esta conceituação pode estabelecer um amplo campo de atuação dos geógrafos nos levantamentos descritivos dos lugarejos, vilas, bairros, municípios, estados que compõem o país. Pelo menos aqui no Brasil, falta tudo isso!

Talvez o meio ambiente se reestabeleça com esta nova definição não definida plenamente.

Quem sabe, haja uma ação dos geógrafos para resolverem o problema da escassez de água no mundo. Como manter um reservatório ou construir um para as épocas de estiagem?



Rio Iguazu: <https://g1.globo.com/pr/oeste-sudoeste/noticia/2020/03/06/baixa-vazao-do-rio-iguacu-muda-visual-nas-cataratas-e-suspende-passeio-de-bote.ghtml>

Esta é um exemplo de milhares de rios, tanto do Brasil, quanto nos demais países, que estão sofrendo com a degradação ambiental, devido as ações sociais (impacto ambiental).

Ah, já fizeram isso! Então há motivos para se ater a árdua e contínua tarefa de se conceituar espaço e lugar.

Não é bem assim, dizem os dialéticos. Temos que aguardar o governo. Sim...tem, mas também, pode-se desenvolver uma estratégia e um plano dentro da instituição (faculdade ou universidade), que angarie recursos ao que se refere. Estes recursos podem vir de indústrias que diretamente poluem estes rios e os demais, além do próprio governo, em suas três instâncias.

Quem sabe...alguém como um nativo da terra (índio) necessite destes termos e significados para poder ter suas terras delimitadas e que ações de fato sejam tomadas para que ele e sua tribo tenham paz. Ao mesmo tempo em que os garimpeiros (mineradoras) e os agricultores (agroindústria) possam trabalhar em suas próprias áreas (terreno – solo).

Talvez, não existisse a Ecologia e Engenharia ambiental se este denominativo fosse conceituado mais cedo. Ou a Amazônia brasileira não estaria sendo tão impactada. E nossos governantes, ainda dizem: não há como acabar com as queimadas, porque é cultural. Os jesuítas transformaram os nativos brasileiros em cristãos...

Há tanta coisa para as geografias humanas, a Geografia e a Sociologia fazer...

Mas...como dito no início deste meu manuscrito, tentar-se-á uma conceituação definitiva de “lugar”, embasando-se nos recortes de texto da obra “*Alice no País das Maravilhas*”.

E garanto que este texto não foi, por minha pessoa, escolhido somente porque continha uma ampla aplicação de “lugar”.

Conforme pode-se observar, “lugar tem várias representações e várias aplicações, tudo depende: do que e de que, o autor e/ou o pesquisador quer esboçar.

Uma sugestão seria:

LUGAR: Ponto georeferenciado ou um pequeno recorte no espaço estrutural (morfodinâmico) que possui características relacionais sociais fenomenográficas e individual.

Uma segunda sugestão:

LUGAR: Ponto estabelecido por coordenadas onde um ou mais grupo de pessoas se reúnem para realizar atividades conjuntas. Contendo, ainda, expressões de carácter sensíveis, sentimentais, desejos, vontade e emocionais. Advindo de um ou dos demais que formam o grupo. Sendo que um indivíduo ou o grupo, inconscientemente aplicam um processo metodológico fenomenográfico em sua percepção do lugar.

Lugar se diferencia de local ou localização, porque estes citados, são apenas determinados por triangulação ou se forem estabelecidos por GPS – quadrangulado.

O problema que minha pessoa vê é: Há uma infinidade de elementos que não são pertinentes. Suas existências geram significados e sinônimos ou são homólogos. Por exemplo: o local pode ser lugar e abre lugar para mais elementos tomarem seu lugar. Tem de se fazer uma pesquisa/entrevista com todos os povos (mundo) embasada no saturamento, para distinguir a mais próxima realidade verdadeira da menos aceita. E esta realidade deve ser enaltecida, as demais... descartadas. Mas a pesquisa não pode ser estabelecida na visão de Aristóteles, mas no método de Wittgenstein – do jogo de linguagem (<https://www.youtube.com/watch?v=4NHCRbPbwtE>).

Interessante seria desfazer destes. Ou seja: retirar dos dicionários científicos as palavras ou termos como: Local. O local é praticamente o lugar. Revejam estes e comparem-nos.

No lugar de local, deveria existir apenas LUGAR.

No lugar de local, deveria existir apenas LOCALIZAÇÃO.

Assim fica:

Onde você mora?

Eu moro no lugar tal.

Onde você trabalha?

Eu trabalho no lugar tal. Ou em tal lugar.

Onde você está?

Minha localização é...

Vamos no parque?

- Qual?

- **Aquele que fica em tal lugar.**

Onde o sr. quer que construa a piscina?

Ali...naquele lugar

Qual a localização do parque que vamos construir?

Fica em tal lugar. Ou será construído nas seguintes coordenadas.

Já foi à igreja?

Não vou naquele lugar.

A **Geografia** **deve** desprezar (Não Psicologia, Psiquiatria, geografia humana—sociologia e Sociologia) a inferência de lugar aos aportes subjetivos, que sejam estabelecidos na mente e/ou imaginário.

O lugar do meu sonho era uma cabana.

Eu imaginei um lugar maravilhoso.

Minha mente viaja em lugares nunca vistos.

Não há como explicitamente chegar a um consenso definitivo sobre lugar, porque todos os jogos de linguagem de todos os continentes se utilizam destas formas usual de lugar. O que se pode fazer, é restringi-los ao campo científico, desprezando o que não for realmente usual, como por exemplo: local.

E não estou me referindo ao acaso, quando digo: **porque todos os jogos de linguagem de todos os continentes se utilizam destas formas usual de lugar.**

Ler as obras de: Julio Verne, Machado de Assis, Álvaro de Azevedo, Cabeza de Vaca, Victor Hugo, Dostoiévski, Saramago, Lobo Antunes, Miguel de Cervantes, Federico García Lorca e tantas outras representantes da literatura global. Além dos dicionários.

Temos que saber o que a população global entende por lugar, visando o jogo de linguagem e não realizar uma pergunta indutiva e/ou, até mesmo, dedutiva. Tem de se observar o jogo das palavras e gestos. Porém esta pesquisa deve ser conduzida por um grupo de estudos com conhecimento em várias línguas/idiomas. Pois; estou falando literalmente de se abranger todos os recantos do mundo, incluindo os nativos (índios, aborígenes, esquimós, e os demais.) Desta forma, a coisa em si torna-se mais visível e menos enevoada. Mas seja Platão, Aristóteles ou Sócrates, não se chegará a coisa em si.

Pode ser exagero e que alguém possa resolver esta questão sem tal trabalho. Mas receio que seja praticamente impossível clarificar este conceito de outra forma. Se quiserem mesmo chegar o mais próximo possível da coisa em si.

Se fosse em outros tempos, diria: Impossível fazer isto!

Mas hoje temos a internet. Possuímos sistemas de comunicação por vídeo, comutação de dados, sistemas de bibliotecas integrados, além do próprio serviço de correios (cartas e mensagens).

Poderíamos pensar que os engenheiros modernos teriam explorado essas forças até o enésimo grau, mas a verdade é que, excetuando-se o aríete, ou a turbina, esses antigos podem nos ensinar algumas coisas.

JÚLIO VERNE - EM RESPOSTA À DECLARAÇÃO DE QUE A EXPLORAÇÃO DAS FORÇAS NATURAIS TERIA SE ESGOTADO. (D.H.Childress).

PALAVRAS FINAIS

É de se pensar...até no xadrez as peças se confrontam
em uma batalha de cores. Que mundo medíocre!
(J.C.V. Nitsche)

Vem, humana criança, ao folguedo!
Para as águas e para o arvoredo Uma fada te traz pela
mão, Pois no mundo há tristeza demais para a tua
compreensão.
(YEATS)

Quero encerrar este texto com a seguinte mensagem:

A pandemia do COVID19, mais especificamente, aos índices de mortes mundiais;
1 minuto de silêncio...

Venho às famílias que sofrem com esta dor de perda...não há palavras nos dicionários do mundo todo que tenha algo útil a expressar neste momento. Mas quero que saibam, seja em qual continente estiverem, aqui no Brasil, sofreremos a mesma dor. Não estão sós...

Às vezes algo como uma pandemia nos faz parar. Como se fossemos um ser encapsulado, envolto de uma crisálida, simplesmente para rompê-la e nos mostrarmos como somos realmente. Alguns continuarão humanos, outros superaram-se e se tornam seres melhores, mesmo que temporariamente...até a pandemia cessar.

Mas os que consagraram superiores aos humanos, estes serão sempre mais felizes, mesmo caminhando no vale da sombra da morte. Porque entende sobre a periodicidade da existência e do tempo relativo...

Musica: Tocando em Frente

<https://www.youtube.com/watch?v=-joh5RaIVek>

Musica: Canção da despedida

<https://www.youtube.com/watch?v=lrg-Ye0wYBY>

Soneto de fidelidade – Vinícius de Moraes

<https://www.youtube.com/watch?v=hiPTnT0BVgo>